

A unidade da Igreja e a sexualidade humana

Junte-se à conversa.

Adequado para um estudo de quatro semanas, este recurso incide sobre a forma como a igreja pode ser testemunha e promover uma comunidade humana diversificada.

Baseado na investigação do Dr. Charles M. Wood, este guia de estudo oferece aos Metodistas Unidos uma oportunidade para refletir no que se tornou um foco de controvérsia a nível cultural e eclesiástico – a sexualidade humana – e assenta na convicção de que a igreja está sedenta de debate teológico.

Conteúdo

Prólogo da autoria da Dra. Kim Cape

Sessão Um: A conversa é importante

Sessão Dois: Amar a Deus com a nossa mente é importante

Sessão Três: A Igreja Metodista Unida é importante

Sessão quatro: Encontrar um caminho a seguir é importante

Posfácio da autoria do Bispo Kenneth H. Carter

Anexo A: Uma visão eclesiástica para a Igreja Metodista Unida

da autoria do Dr. Charles M. Wood

Anexo B: Ajudas para Líderes de Grupos

O Metodismo está habituado à controvérsia. John Wesley procurou responder às questões controversas dos seus dias e emvidou esforços para manter as sociedades Metodistas unidas apesar de muitas divergências. Este guia explora em profundidade a herança Wesleyana, para reforçar o nosso testemunho fiel do evangelho de Jesus Cristo, num momento em que os seguidores devotos estão profundamente divididos.

**A Editorial da Junta
Geral de Educação Superior e
Ministério** produz livros que fomentam,
cultivam e defendem a vida intelectual da
Igreja Metodista Unida.

Para mais informações, consulte
<http://www.gbhem.org/about/publications>.



A unidade da Igreja e a sexualidade humana

GBHEM

A unidade da Igreja e a sexualidade humana



Em prol de um Testemunho
Metodista Unido fiel

Guia de estudo



HIGHER EDUCATION & MINISTRY

General Board of Higher Education and Ministry

THE UNITED METHODIST CHURCH

A unidade da Igreja e a sexualidade humana
Em prol de um Testemunho Metodista Unido fiel

Guia de estudo

Junta Geral de Educação Superior e Ministério

Igreja Metodista Unida



HIGHER EDUCATION & MINISTRY

General Board of Higher Education and Ministry

THE UNITED METHODIST CHURCH

**A unidade da Igreja e a sexualidade humana: em prol de um Testemunho Metodista Unido fiel,
Guia de estudo**

A Junta Geral de Educação Superior e Ministério lidera e serve a Igreja Metodista Unida ao nível do recrutamento, preparação, fomento, educação e apoio de líderes cristãos – leigos e clérigos – com vista ao trabalho de criar discípulos de Jesus Cristo para transformar o mundo. A sua visão é que uma nova geração de líderes cristãos assumirá um compromisso corajoso em relação a Jesus Cristo e será caracterizada pela excelência a nível intelectual, integridade moral, coragem espiritual e pela santidade no coração e na vida. A Junta Geral de Educação Superior e Ministério da Igreja Metodista Unida assume o papel de promotora da vida intelectual da igreja. A missão da Junta incorpora a tradição Wesleyana de compromisso face à educação dos leigos e dos clérigos, ao facultar acesso à educação superior a todos.

**A unidade da Igreja e a sexualidade humana: em prol de um Testemunho Metodista Unido fiel,
Guia de estudo**

Copyright © 2017 pela Junta Geral de Educação Superior e Ministério da Igreja Metodista Unida. Todos os direitos reservados.

As Escrituras assinaladas com CEB são da Common English Bible (Bíblia em Inglês Comum). Copyright © 2011 Common English Bible. Utilizado mediante autorização.

As Escrituras assinaladas com NRSV são da New Revised Standard Version of the Bible (Nova Versão Padrão Revista da Bíblia), copyright 1989 pela Division of Christian Education of the National Council of the Churches of Christ in the United States of America (Divisão de Educação Cristã do Conselho Nacional de Igrejas de Cristo nos Estados Unidos da América). Utilizado mediante autorização. Todos os direitos reservados.

As Escrituras assinaladas com KJV são da King James Version (Versão do Rei Jaime) (domínio público).

“To Be Young” (Ser Jovem), atribuído a Ernest Campbell, apareceu pela primeira vez na publicação

Presbyterian Record, Toronto, 2012. Utilizado mediante autorização.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, seja em formato for, impresso ou eletrônico, sem autorização por escrito, exceto no caso de citações breves integradas em artigos ou análises importantes.

Para informações relativas aos direitos e autorizações, contacte o Editor, Junta Geral de Educação Superior e Ministério, PO Box 340007, Nashville, TN 37203-0007; telefone 615-340-7393; fax 615-340-7048. Visite o nosso website em www.gbhem.org.

ISBN 978-0-938162-30-8

Todos os endereços da Internet estavam corretos e operacionais no momento da publicação.

17 18 19 20 21 22 23 24 25 26—10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

Produzido nos Estados Unidos da América

Conteúdo

Prólogo da autoria da Dra. Kim Cape 00

Sessão Um: A conversa é importante 00

Sessão Dois: Amar a Deus com a nossa mente é importante 00

Sessão Três: A Igreja Metodista Unida é importante 00

Sessão quatro: encontrar um caminho a seguir é importante 000

Posfácio da autoria do Bispo Kenneth H. Carter 000

Anexo A: “Uma visão eclesial para a Igreja Metodista Unida”, da autoria do Dr. Charles M. Wood
000

Anexo B: Ajudas para Líderes de Grupos 000

Prólogo

Se perseguirmos a Verdade
durante suficiente tempo,
de forma suficientemente firme,
cairemos, finalmente, nos braços de Cristo.

– Anónimo

Este guia de estudos é um convite à conversa sagrada. Também é um convite a meditar profundamente sobre quem somos e quem queremos ser como Metodistas Unidos. É claro que a sua resposta irá depender do seu ponto de vista. Se for originário de Baltimore, é possível que veja as coisas de uma determinada forma. Se for de Maputo, verá as coisas a partir de outra perspetiva. É natural que os nossos pontos de vista sejam diferentes, uma vez que é inegável que somos moldados por como, quando e onde crescemos. As coisas são mesmo assim.

Talvez tenha assistido à sobejamente citada “TED talk” de Chimamanda Ngozi. Se quiser ver do que se trata, vá até: https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story. Ela recorda-nos que muitas pessoas sentem-se tentadas a pensar que a sua história é única ou que a sua forma de ver as coisas é a única. Adichie diz que isso é perigoso. Tenho tendência a concordar com ela, porque foi isso que se verificou na minha experiência de vida.

No próximo domingo de manhã, fique de pé junto ao púlpito e levante no ar a Bíblia, ou mesmo qualquer outro livro. As pessoas sentadas nas filas da frente verão claramente a capa do livro. As pessoas atrás de si, no coro, verão a contracapa. É possível que o organista vislumbre a lombada. Todas as pessoas verão partes diferentes – algumas verão melhor do que outras, mas todas irão “preencher” aquilo que veem com o que esperam encontrar. Nós vemos aquilo que esperamos ver. Utilizamos a nossa visão limitada para postular como será o aspeto global – de toda a Bíblia, bem como de toda a história. Intuímos

motivos e prevemos resultados. Mas a nossa visão é vaga – apenas mais tarde veremos as coisas claramente diante dos nossos olhos.

Este guia de estudo assenta na convicção de que a igreja está sedenta de discussão teológica aprofundada e de discernimento. Tal como Jesus ofereceu água viva à mulher que estava junto ao poço, e que ela erradamente pensou tratar-se apenas da água do poço profundo, ele também nos faz esse convite. Entendamos a verdadeira natureza dos dons que Deus nos oferece. Aceitemos este convite e bebamos juntos a água viva. Este guia de estudo é uma oportunidade para ver as coisas de forma diferente e preenchermos o que não vemos utilizando os pontos de observação ricos e diversos de outras pessoas. Os resultados podem ser surpreendentes e até mesmo refrescantes. Podem até abrir novas vias para Deus. Mas uma coisa é certa. Se virmos a verdade juntos e amarmos Deus juntos, seremos recebidos no abraço de Cristo.

Dra. Kim Cape, Secretária-Geral

Junta Geral de Educação Superior e Ministério

A Igreja Metodista Unida

Sessão Um

A conversa é importante

Mas assim como aquele que vos chamou é santo,
assim deveis ser santos em todas as formas de conversar.

—1 Pedro 1:15 (KJV)

Este guia de estudo é uma introdução a uma conversa que poderá muito bem afetar o futuro da Igreja Metodista Unida, tal como a conhecemos. Quer queiramos reconhecê-lo ou não, a nossa igreja encontra-se numa encruzilhada e o que está em causa é a forma como iremos avançar, ou se iremos avançar juntos como uma denominação. A nossa história traz-nos a este momento importante e, seja qual for o motivo, os problemas que estão sobre a mesa têm a ver com a inclusão de grupos específicos de pessoas. Até a designação de alguns destes grupos envolve grandes dificuldades, mas para efeitos deste guia, faremos referência a estas pessoas da mesma forma que o nosso *Livro de Disciplina*. Mas recorrendo a essa designação, não nos esqueçamos que, na qualidade de Metodistas, acreditamos que todas as pessoas são criadas à imagem de Deus e que a graça de Deus é para todos e está ao alcance todos. Não esqueçamos também que os membros da Igreja Metodista Unida, quer façam parte da comunidade LGBTQ (Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, Queer [lésbicas, homossexuais masculinos, bissexuais, transexuais, simpatizantes])¹ ou do Movimento das Boas Novas, ou sejam oriundos da Macedónia, de Moçambique, ou dos Estados Unidos, são cristãos que professaram votos de ser membros fiéis da Igreja Metodista Unida, dedicando o seu tempo, talentos, dons, serviço e testemunho. E como Metodistas Unidos partilhamos a missão de fazer discípulos de Jesus Cristo para transformar o mundo.

¹ A nomenclatura relativa às minorias de género e sexuais continua a mudar. Um guia útil é a revista *National Geographic*, vol. 231:1 (janeiro de 2017). Esta edição especial é intitulada “Revolução de Géneros”.

Desde que existe uma igreja, os temas da sexualidade humana e das convenções sociais e instituições relacionadas têm sido alvo de debate. Jesus ensinou sobre o casamento (Mateus 19:4-6; Marcos 10:6-9); Paulo escreveu sobre a intimidade humana e as relações humanas (Romanos 1:26-27; Efésios 5; 1 Coríntios 7:1-16; Colossenses 3:18-19). Independentemente de como interpretarmos estas e outras passagens bíblicas, a Bíblia não se escusa a retratar-nos como humanos, em toda a nossa glória e infâmia (Salmo 8:5, Somos criados um pouco abaixo dos anjos; Marcos 15:24, Jesus é executado através da crucificação romana). Podemos contar com a Bíblia para nos dar uma visão honesta de quem somos; mas ainda assim, com a ajuda de Deus, vemos quem podemos ser como indivíduos e como uma comunidade de fé. Por isso, tal como os escritores bíblicos, não devemos hesitar ou ter medo de encarar diretamente quem somos e quem podemos ser, como Cristãos fiéis e que pensam, até mesmo quando estamos divididos e discordamos – e mesmo quando, por vezes, discordamos profundamente.

Seria insensato não reconhecer que nós, os Metodistas Unidos, estamos divididos na nossa forma de pensar acerca da homossexualidade e sobre se a nossa igreja deverá ou não ordenar homossexuais praticantes. Este guia de estudo apresenta aos Metodistas Unidos uma oportunidade para considerarem aquilo que se tornou um foco de conflito a nível cultural e eclesiástico – o conjunto de problemas complicados relacionados com a sexualidade humana.

Este recurso é o fruto de um colóquio de um evento específico, intitulado “A unidade da Igreja e a sexualidade humana: Em prol de um Testemunho Metodista Unido fiel”, uma colaboração entre a Junta Geral de Educação Superior e Ministério, a Associação Americana de Escolas Teológicas Metodistas Unidas e a Comissão sobre um Caminho a Seguir. A Escola de Teologia Candler organizou este evento entre 9 e 12 de Março de 2017, e a reitora da Escola de Teologia Candler, a Dra. Jan Love, deu início ao colóquio recordando a todos que conversar é importante e conversar neste evento é mais importante do que na maioria dos casos.

Os participantes neste colóquio foram estudiosos Metodistas Unidos internacionais de seminários Metodistas Unidos² e do Seminário Teológico de Asbury, incluindo também estudiosos Metodistas Unidos de Moçambique e da Dinamarca. As páginas seguintes deste pequeno livro irão referir-se ao trabalho do plenário apresentado por Charles M. Wood, intitulado “Uma visão eclesial para a Igreja Metodista Unida”, que está incluído no anexo, mas este recurso também fará referência a debates e conversas do colóquio.

No colóquio, os participantes apresentaram trabalhos que incluíram análises descritivas e prescritivas, tal como o trabalho de Russell E. Richey, intitulado “Da Conferência de Natal à Conferência Geral – A Igreja Metodista Unida de hoje: vivendo com/nos seus dois séculos de divisão regular”; o ensaio de Ted A. Campbell, “Motivos para a unidade na Igreja Metodista Unida e uma proposta de caminho a seguir”; “Em defesa do Mexit: desacordo e desunião no Metodismo Unido”, de William J. Abraham e “A unidade da Igreja Metodista Unida e a sexualidade humana: vozes africanas”, de Julio André Vilanculos. Houve perspectivas históricas, tais como “O choque entre a união, a inclusão e a aliança: lições da história” de Anne Burkholder, e ensaios que fizeram uso de recursos bíblicos, teológicos, éticos e eclesialísticos, tais como “A sexualidade humana e a unidade da Igreja: Em prol de um Testemunho Metodista Unido fiel”, de Kenneth J. Collins. Houve contributos de diversas disciplinas, por exemplo, da estudiosa de cuidados pastorais Jeanne Hoeft, “Diversidade, identidade, contextualidade e testemunha autêntica”; estudiosos do evangelismo, tais como Jack Jackson, “Uma divisão do coração: a justificação de John Wesley para a separação”, e Mark R. Teasdale, “Quantidade, qualidade e balcanização: o fracasso da missão apostólica, levando ao atual impasse na IMU em relação à sexualidade humana”; e teólogos do culto e litúrgicos, tais como L. Edward Phillips, “Casamento entre pessoas do mesmo sexo, a guerra justa, e os princípios sociais: a braços com o incompatível”. Alguns trabalhos

2 Escola de Teologia da Universidade de Boston; Escola de Teologia de Candler; Escola de Teologia de Claremont; Escola de Teologia da Universidade de Drew; Escola de Divindade da Universidade de Duke; Seminário Teológico Gammon; Seminário Teológico Evangélico Garrett; Escola de Teologia de Iliff; Escola Teológica Metodista no Ohio; Seminário Teológico Perkins; Escola de Teologia Saint Paul; Seminário Teológico Unido; Seminário Teológico Wesley.

foram teológicos, tais como “O debate sobre a sexualidade humana é uma questão de *Status Confessionis*? Encontrando a analogia histórica certa.”, de Kendall Soulen. Alguns trabalhos tiveram um cariz intensamente pessoal, tais como, o apresentado por Karen Baker-Fletcher, “Corpos que se tocam”, e o trabalho de Lisa M. Allen-McLaurin, “Para onde irão agora?”

Não há dúvida de que estes trabalhos representam um rico acervo de conhecimentos e perspectivas, por exemplo, “Como é que os Metodistas Unidos reconhecem um pecado quando o veem?” de Cathie Kelsey; “A quimera Metodista e as ‘vilanias execráveis’” de Barry E. Bryant; “O coração do Wesleyanismo: convergência e divergência”, de Philip Clayton; “A fusão metodista de 1939: um caso de estudo sobre a primazia da unidade cristã”, de Morris L. Davis; “Enfrentando a cisão entre ‘público/privado’: o Metodismo Unido e as lições da controvérsia entre fundamentalismo e modernismo”, de Christopher Evans; “A unidade da igreja de Deus, o corpo de Cristo”, de Scott Kisker; “Perspetivas ecuménicas para a unidade”, de Sarah Heaner Lancaster; “A cisão que não ocorreu”, de Kevin D. Newburg; “A unidade da igreja em relação aos ensinamentos cristãos e à sexualidade humana”, de Jørgen Thaarup; “Santidade no coração e na vida: unidade, santidade e a missão do Metodismo”, de Kevin M. Watson; e “Observações para colóquio sobre a unidade da igreja”, de Sondra Wheeler. Entre os restantes participantes, contaram-se Jeffrey Conklin-Miller, Lallene J. Rector e Elaine A. Robinson.

No colóquio, os estudiosos debateram estes e outros tópicos relacionados com o tema da sexualidade humana, em grupos pequenos e grandes. Debateram, conforme a pergunta colocada por Charles Wood, “Como é que podemos encontrar e concretizar uma forma adequadamente diversificada de comunidade Cristã – que possa ser um modelo e uma inspiração para uma comunidade *humana* adequadamente diversificada?”³ Não iremos fingir que as questões são simples ou que os trabalhos do colóquio são uma leitura leve. Representam o nível mais elevado de erudição Metodista Unida, sendo francamente merecedores do nosso tempo e energia. Após o colóquio, os estudiosos aproveitaram a oportunidade para rever os seus trabalhos, com vista a refletir as conversas que tiveram com os seus

³ Consulte o trabalho apresentado no colóquio por Charles M. Wood, “Uma visão eclesiástica para a Igreja Metodista Unida”, incluído no anexo A.

pares. Perto do final de 2017, estes importantes trabalhos estarão disponíveis como um livro (dirija-se a www.gbhem.org a esteja atento à publicação de mais detalhes).

Este colóquio, intitulado “A unidade da Igreja e a sexualidade humana: Em prol de um Testemunho Metodista Unido fiel”, destinou-se a ser um momento de conversa sagrada. Devemos acrescentar que, na Igreja Metodista Unida, temos uma longa tradição de colóquios e conferências sobre o sagrado. E quando apresentam o melhor de si mesmos, os Metodistas Unidos veem este tipo de conversação como um meio de graça – uma forma de sentir o poder e a presença do Espírito Santo. Efetivamente, este colóquio foi muito mais do que a reunião de um grupo de intelectuais dispersos para estabelecer distinções de debater até à exaustão. Para alguns, pode ter começado dessa forma, mas à medida que os participantes se foram ouvindo mutuamente em pequenos grupos, partilhando histórias sobre a fé e os fiéis, Deus marcou presença no momento certo. Isto significa que se chegou a acordo sobre um caminho a seguir? Não, mas confirmou que, quando duas ou mais pessoas se juntam, Deus está entre elas. Sim, Deus marcou presença. E sim, “O melhor de tudo é que Deus está connosco”.⁴

À medida que o colóquio avançou, uma profunda sensação de pesar e lamentação abateu-se sobre alguns dos presentes, pois a igreja que alguns consideram como uma mãe que nos alimentou e afirmou o nosso chamamento para o ministério está agora debilitada, enfrentando possivelmente a morte. Mas tal como testemunhou Kim Cape, Secretária-Geral da Junta Geral de Educação Superior e Ministério, Deus nunca nos deixa afundar-nos na lamentação, pois esta, conforme expresso nos Salmos, leva à esperança – a esperança num futuro para o qual Deus nos conduz. Numa conversa relacionada após uma das sessões do colóquio, Karen Baker-Fletcher disse: “Porque é que as pessoas sentem tanta ansiedade? Vejam o exemplo da Igreja Negra. Sobrevivemos e continuaremos a existir, porque Deus é fiel e consegue mostrar um caminho quando parece não existir uma saída.” Qual é esse caminho? No momento atual, não sabemos. Mas confiamos que a graça de Deus nos irá curar, guiar, reconciliar, manter e conduzir fielmente em frente durante este momento de provação.

⁴ John Wesley terá pronunciado estas palavras no seu leito de morte.

O Metodismo Unido tem uma longa tradição de excelência intelectual. Este colóquio foi uma forma de reivindicar essa herança. É bom recordar que o nosso fundador, John Wesley, era professor na Universidade de Oxford. Os estudiosos que participaram no colóquio e os muitos outros que servem a igreja como ministros de extensão no ensino superior, representam o nosso capital intelectual. Através deles, podemos aprender a amar melhor a Deus com as nossas mentes. Quando se reuniram em Atlanta para o colóquio, com vista a enfrentar alguns dos problemas mais inquietantes e complicados com que a Igreja Metodista Unida se continua a debater, constituíram um exemplo de amar a Deus com as suas mentes, tal como o seu pensamento representou a vasta diversidade de formas de pensar no seio da nossa igreja. Durante o colóquio, estes estudiosos concordaram em juntar-se para um momento de conversa sagrada. Este guia de estudo vem alargar a si o convite para participar nesta conversa sagrada, no seu próprio ambiente, porque conversar é importante.

Nós, os Metodistas Unidos, somos fundamentalmente pessoas que dedicamos a Deus a *cabeça*, o *coração*, mas também as *mãos*. Porque tal como os sucede com os Cristãos que vieram antes de nós, levamos a sério o mandamento de Jesus, de amarmos a Deus com todo o nosso coração, alma, mente e força – todo o nosso ser, com tudo o que contém – e de amarmos o próximo como a nós mesmos (Lucas 10:27; Mateus 22:37-39). Inspirados e revestidos de poder pelo Espírito Santo, colocamos a nossa fé em ação através de atos de bondade, justiça e misericórdia (Tiago 2:14-26). Este é o nosso ADN Metodista. Queremos amar a Deus com as nossas mentes, mas também servir na missão de Deus a um mundo em sofrimento. Queremos pôr em prática as nossas crenças e convicções informadas, para benefício dos outros – de todas as pessoas. Queremos incorporar a graça de Deus, para que o mundo seja transformado e cumpra o propósito de Deus para as nossas vidas individuais e em conjunto.

Este livro pode ser utilizado como um estudo com uma duração de quatro semanas, para ajudá-lo a pensar e a falar sobre o que é importante e o que significa ser uma testemunha fiel e um servo carinhoso na missão Cristã, em relação às questões que envolvem a sexualidade humana. Este recurso convida-o a mergulhar nas águas profundas do discernimento, sabendo que Deus está ao nosso lado, mesmo quando

caminha antes de nós (e resolve os problemas que deixamos para trás). Tal como Jesus estendeu a mão a Pedro quando este se começou a afundar no Mar da Galileia, também Deus nos dá a sua mão (Mateus 14:22-34). Vejamos este momento para a conversa sagrada como uma oportunidade de renovar o nosso compromisso de reivindicarmos a nossa identidade como o Corpo de Cristo e reafirmarmos os votos de oferecermos as nossas orações, presença, dons, serviço e testemunho – não para obter um ganho ou vantagem pessoal, mas sim para transformar o mundo.

Questões para debate

1. Partilhe a última vez que sentiu o poder e a presença de Deus na sua igreja.
2. Partilhe uma experiência de conversa sagrada. O que é que torna a conversa sagrada diferente da conversa normal?
3. O que é que acha que Wesley queria dizer quando afirmou: “O melhor de tudo é que Deus está connosco”? Ao refletir nisto, partilhe como é que Deus está presente junto de si, da sua família e da sua igreja. Como é que Deus suscita cima o melhor de nós como Cristãos?
4. Indique uma característica da melhor versão de si e revele como se está a esforçar por percorrer o caminho da perfeição.
5. Leia Gálatas 5:22-26. Esta passagem na versão CEB da Bíblia indica que o fruto do Espírito é: o amor, a alegria, a paz, a paciência, a benignidade, a bondade, a fidelidade, a mansidão e o autodomínio. Para encetar uma conversa com outras pessoas sobre a sexualidade humana, e mais especificamente a homossexualidade, quais destes são os mais necessários?
6. Quão atualizado é o seu conhecimento sobre a sexualidade humana? Para informações

recentes sobre a sexualidade e o género humanos, consulte a edição de Janeiro de 2017 da revista *National Geographic* e o artigo online no website da National Geographic, intitulado “How Science Is Helping Us Understand Gender” (Como é que a ciência está a ajudar-nos a compreender o género), <http://www.nationalgeographic.com/magazine/2017/01/how-science-helps-us-understand-gender-identity>. Para obter dados relacionados com opiniões sobre a homossexualidade, consulte o Pew Research Center (Centro de Investigação de Pew), <http://www.pewresearch.org/topics/gay-marriage-and-homosexuality/>. Ambas as fontes oferecem informações úteis relativamente a diferentes pontos de vista dentro de diferentes grupos demográficos, incluindo atitudes a nível internacional. Queira consultar as conclusões.

7. Qual é a sua reação à observação feita por um dos participantes no colóquio, de que os seus pontos de vista sobre a homossexualidade mudaram depois de testemunhar o fruto divino nas vidas de homossexuais que conhecia? Os seus pontos de vista sobre a homossexualidade mudaram ao longo dos anos? O que fez mudar a sua forma de pensar?
8. Como é que entende o que a Bíblia diz sobre a homossexualidade e sobre decidir quem pode ser salvo? Consulte, por exemplo, Romanos 1:26-28; Judas 1:5-8; 1 Timóteo 1:8-11; Gálatas 3:27-29.
9. Diz-se frequentemente que os Metodistas Unidos estão divididos no que toca às questões relativas à homossexualidade. Quão dividida(o) está a sua família, a sua igreja – talvez até você mesmo?
10. Em termos gerais, considera-se uma pessoa esperançosa? A esperança surge muitas vezes em resultado de sofrer uma crise, afirmando depois como Cristãos que Deus é o Senhor do

futuro. Partilhe um momento em que precisou de esperança e a encontrou – ou talvez tenha sido a esperança a encontrá-lo. Quão esperançoso se sente em relação ao seu futuro? Quão esperançoso se sente em relação à sua igreja local? Quão esperançoso se sente em relação à sua denominação?

Sessão Dois

Amar a Deus com a nossa mente é importante

Ele respondeu, “Deveis amar o Senhor vosso Deus com todo o vosso coração,

todo o vosso ser, toda a vossa força

e toda a vossa mente,

e amar o vosso próximo como a vós mesmos.”

—Lucas 10:27 (CEB)

Lucas diz-nos que “um jurista levantou-se para testar Jesus” (Lucas 10:25 CEB). A Versão do Rei Jaime diz que “um certo doutor da lei levantou-se e tentou” Jesus, fazendo uma pergunta sobre a vida eterna, e Jesus respondeu ao citar o Deuterónimo 6:5. No entanto, acrescentou-lhe algo. Jesus acrescenta “com toda a vossa mente”. Esta adição não altera o significado da sua resposta, mas incluir a “mente” oferece ênfase e promessa. Devemos ser pessoas pensantes e fiéis. E tal como após o seu batismo, Jesus respondeu ao Tentador com as escrituras, neste caso, Jesus enfrenta novamente a tentação munido do seu conhecimento das escrituras, incorporando assim o seu apelo a amarmos Deus com todo o nosso ser. Como é que respondemos quando enfrentamos a adversidade? Algumas pessoas poderão dizer que a Igreja Metodista Unida está a ser testada neste momento e que as questões relacionadas com a sexualidade humana são uma forma de julgar quem somos e qual é a nossa missão enquanto comunidade de fé. Estamos em desacordo. Como responderemos?

Mas primeiro, uma palavra sobre as discordâncias. Neste momento histórico, a nossa igreja está mergulhada num conflito grave sobre as questões relacionadas com a homossexualidade. Tal como seria de esperar, existem fases de discordância. Por exemplo, quando duas pessoas discordam, a primeira coisa que acontece frequentemente é pensarem que a outra simplesmente não está a ouvir, por isso começam a falar mais alto. Mas quando isso não funciona, começam a pensar que a outra pessoa na verdade não sabe;

a outra pessoa é “estúpida”. Por isso, passam a tentar educar-se mutuamente. Talvez remetam para a Bíblia, falem sobre o seu comentário favorito, ou mencionem o que o pregador disse no domingo anterior. Mas continuam a discordar. Vendo que não conseguem educar a outra pessoa, cada uma delas acaba por achar que a outra é simplesmente estúpida. A outra pessoa simplesmente não aceita os factos, pelo que deve ser incapaz de compreender. Com o aumento da frustração, a discordância passa para outra fase. Embora possamos admirar o facto de nenhuma pessoa ter desistido da outra, ambas começam a pensar que, se a outra pessoa está na posse dos factos, mas ainda assim não os consegue compreender e é estúpida, então talvez o problema seja mais profundo. Será possível que a outra pessoa seja malévola?

Infelizmente, algumas discordâncias sobre a homossexualidade na nossa igreja encontram-se nesse nível. Alguns de nós pensam que outros de nós são ignorantes, estúpidos e/ou malévolos. Não é verdade. *Apenas discordamos*. Vamos dar um passo atrás e assumir a mente de Cristo juntos.

Este pequeno livro convida-o a assumir a mente de Cristo, à medida que debatemos a sexualidade humana e como é que deveremos responder, enquanto comunidade de fé. Em Filipenses 2:5, Paulo diz: “Deixai que a mente de Jesus Cristo esteja em vós” (NRSV). É instrutivo ter em mente que, quando Paulo se dirige a *vós*, está a falar não com cada indivíduo, mas sim com o corpo de crentes. Utiliza a forma plural *vós*. Ele diz que, juntos, devemos ter a mesma mente de Jesus Cristo, que era humilde, obediente e bem-sucedido em tornar a missão de Deus claramente visível, e que nos convida a viver na fé e na alegria. Afinal de contas, o reino de Deus é agora, e podemos facilmente perdê-lo se nos afundarmos em discussões. Mas mais importante, amarmos a Deus com as nossas mentes permite que nos aproximemos, não só uns dos outros, mas também de Deus.

Abba Dorotheus, de Gaza, era um monge no mosteiro de Abba Serid. Por volta do ano 540 D.C., fundou o seu próprio mosteiro e tornou-se abade. É conhecido pelas suas instruções, que mais tarde foram compiladas como as *Instruções sobre o Treino Espiritual*. A Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa Oriental reconhecem-no como São Doroteu, o Ermitão de Kemet. Este Cristão do século VI tem um ensinamento que nos pode ajudar. Ele pede-nos para usarmos a nossa imaginação e visualizarmos um

círculo grande, uma roda. No centro, está Deus; Deus está no cerne. A partir de Deus, estende-se um número infinito de raios. Estes são as diferentes formas como os seres humanos vivem, por isso quando se querem aproximar de Deus, caminham em direção ao centro do círculo. E à medida que se aproximam de Deus, também se aproximam uns dos outros. Amarmos a Deus com as nossas mentes aproxima-nos de Deus e uns dos outros.

Mas aproximar-nos uns dos outros não implica que nos aproximemos de Deus. Os seres humanos que marcham em sincronia não se assemelham necessariamente mais a Cristo. Por vezes, são simplesmente uma turba. Não, Cristo deve ser a nossa meta. Se partilharmos a nossa meta e se essa meta for Cristo, é muito menos provável que falhemos o alvo. Essa é uma razão pela qual, em conjunto, devemos assumir a mente de Cristo. Tal como nos recorda Paulo, Cristo é a nossa cabeça (Colossenses 1:18).

Por isso, vamos juntar-nos para pensarmos como uma comunidade de fé. Mas em conjunto, assumamos a mente de Cristo quando o fizermos. O resultado será que ficaremos mais próximos de Deus e uns dos outros. Não haverá nenhum motivo para uma pessoa acusar outra de ser ignorante ou malévola. Amar a Deus com a nossa mente é importante nesta conjuntura em que se encontra a Igreja – muito importante.

Nesta sessão, vamos analisar o trabalho de Charles Wood. Nomeadamente, iremos examinar o que diz acerca da igreja, a partir de uma perspetiva Metodista Unida. Se queremos falar acerca da unidade da igreja e de sermos Cristãos fiéis que vivem numa comunidade empenhada, primeiro temos de saber o que queremos preservar e melhorar.

A igreja: sinal e serva¹

De acordo com John Wesley, os seres humanos estão destinados à admiração, ao amor e ao louvor. E através da igreja, temos uma participação criadora na vida do Deus triuno, onde podemos experimentar

¹ Consulte o trabalho de Charles Wood, que está disponível no anexo A deste livro, com início na página 00.

este propósito. Nas palavras de Wesley, somos criados “à imagem de Deus, e concebidos para saber, amar e desfrutar o [nosso] Criador para toda a eternidade”.² Este é o nosso chamamento, tal como nos foi revelado através de Jesus Cristo, um chamamento que nos fortalece através do Espírito Santo. Daqui, podemos entender que a igreja é o sinal e a serva desta realidade, a nova criação.

A tarefa da igreja é ser um sinal e uma serva desta nova realidade, da comunidade de fé que Deus perspectiva para nós. E em que consiste esta nova realidade? Em primeiro lugar, o amor salvador de Deus destina-se a todas as pessoas, não só a algumas, ou até mesmo às que possamos escolher. A justificação bíblica para esta afirmação vem de 1 Timóteo 2:4 (NRSV), onde se diz que Deus “deseja que todos sejam salvos e conheçam a verdade”. Para além disso, Wood recorda-nos o comentário de John Wesley sobre esta escritura, das suas *Notas Explicativas sobre o Novo Testamento*, que coloca a ênfase na palavra “todos”. Isto conduz diretamente ao entendimento de Wesley sobre a graça de Deus, que embora se estenda a todos, não se sobrepõe à liberdade humana. Ao invés disso, a graça de Deus ativa essa liberdade. Faz de nós *responsáveis*, de modo que a nossa salvação é um dom, mas também envolve a nossa participação livre.

Em segundo lugar, o amor salvador de Deus transforma. Mas a transformação não é a simples mudança; ao invés disso, somos mudados para nos entendermos com Deus. Quando aceitamos a graça de Deus, somos justificados, a nossa relação correta com Deus é restaurada e somos santificados; ou seja, o nosso próprio ser é renovado à medida que caminhamos junto a Deus, aprofundamos e experimentamos de forma mais plena o amor que Deus sente por nós, ao incorporarmos esse amor em atos de misericórdia, amor, compaixão e justiça para com as outras pessoas. Para Wesley, experimentamos o amor de Deus aqui e agora – em resultado disso, vivemos no poder do Espírito Santo, não só para nosso benefício, mas também para o benefício das outras pessoas.

Em terceiro lugar, o amor de Deus cria a comunidade. Deus chega a nós através da graça preveniente, que nos torna responsáveis. Quando aceitamos a graça de Deus, a nossa relação correta com

² Consulte o trabalho de Wood no anexo A para obter informações relativas às fontes. Isto refere-se à página 00, nota de rodapé 9.

Deus é restaurada, de tal modo que somos transformados pelo poder e pela presença de Deus nas nossas vidas – não só para o nosso próprio benefício, mas também para o benefício das outras pessoas, para que estas também possam aprofundar a sua relação com Deus. Por conseguinte, faz sentido, tendo em conta a nossa humanidade, que procuremos chegar às outras pessoas. No entanto, surpreendentemente, é possível que acabemos por estar em comunhão com as pessoas com quem menos esperaríamos associar-nos. Tal como sucedeu com Jesus, talvez acabemos nas casas de pessoas menos respeitáveis (ricas ou pobres) e de pessoas marginalizadas pela sociedade.

Para Wesley, estar em comunidade e associação com outros Cristãos quando ministravam juntos, passou a significar que estavam *em conexão*. Um amigo Luterano disse uma vez que não conseguia entender porque é que os Metodistas usam o substantivo *conexão* como um verbo. Para nós, *conexão* é uma palavra que implica ação, o que ajuda a resumir o que significa ser um Metodista. Somos pessoas envolvidas numa missão. Fomos concebidos como um movimento e gerámos muitos outros. Tal como Charles Wood nos recorda,

Wesley e aqueles que lhe eram próximos encontraram-se a movimentar-se para além das normas estabelecidas do comportamento da igreja, e desafiando a própria igreja, com o seu exemplo, para adotar mais completamente a dádiva da comunidade de Deus. Foi então que o termo “conexão” assumiu uma nova sonoridade de significado, à medida que aquilo que Wesley apelidou de “santidade social” – o crescimento em amor e nos outros frutos do Espírito que é possível apenas em comunidade – era posto em prática. (página 00)

A igreja: visível e invisível

No entanto, embora a igreja seja simultaneamente sinal e serva de uma comunidade viva e de dádiva, organizada para o amor, a admiração e o louvor, temos um registo irregular. Não precisamos que Charles Wood nos recorde que, no que respeita à igreja, temos uma história muito humana de sucessos e fracassos, crescimento e perda, separações e uniões, e até mesmo ódio e amor. Embora a igreja possa ser o Corpo de Cristo e seja a criação de Deus, também reflete a finitude e o pecado humanos.

No seu melhor, a igreja caracteriza-se pela *koinonia*, que é aquela comunhão criada e sustentada pelo Espírito Santo, a igreja invisível. Podemos ir mais longe e afirmar que existe também uma distinção

entre dois aspetos da igreja visível. conforme sugere Charles Wood (anexo X, página 00): “a igreja como a *comunidade da salvação* e a *comunidade do testemunho*. Tal como sabemos, a igreja é chamada a ser ambas: uma comunidade onde as pessoas vivem a vida na plenitude e uma comunidade em que os membros têm a missão de ser as testemunhas de Cristo no mundo.”

Podemos dizer que, de certo modo, a igreja é simultaneamente humana e divina. Quando sentimos a presença do Deus vivo durante o culto, quando rezamos, fazemos um retiro, ou quando servimos na sopa dos pobres, sentimos a *koinonia*, rodeados por uma multidão de testemunhas. Mas quando votamos na Conferência Anual ou Geral, fazemos nomeações pastorais, ou nos reunimos para planear o ministério de gestão deste ano, também estamos envolvidos em esforços de cariz marcadamente humano, fazendo com que seja ainda mais importante assumirmos a mente de Cristo, para que os nossos esforços possam ser transformados pelo poder e pela presença de Deus, que promete estar no meio de nós.

A igreja: testemunha fiel

A igreja traz a graça salvadora de Deus, ao restabelecer devida vocação dos seres humanos, para que também estes possam viver vidas de admiração, amor e louvor. E a igreja é chamada a ser uma testemunha fiel de Deus e dos Seus propósitos. Tal como salienta Wood, (anexo A, página 00), isto está relacionado com a fé, a esperança e o amor, e uma abordagem particularmente Wesleyana a isto é através de uma compreensão do tríplice ofício de Cristo – na linguagem tradicional, o trabalho salvador de Jesus como profeta, sacerdote e rei. No seu ofício profético, Jesus traz-nos a verdade. No seu ofício sacerdotal, repara a nossa relação com Deus. No seu ofício real, Cristo guia-nos e capacita-nos com vista a vivermos plenamente a vida em comunidade. Wood afirma:

A igreja, através da sua proclamação da Palavra, da sua celebração dos sacramentos, e da ordenação da sua vida em comum, presta testemunho daquilo que Deus fez e está a fazer através de Jesus Cristo e do poder do Espírito Santo (anexo A, página 00).

Mas a igreja será sempre uma mistura ambígua da sua história e da sua experiência atual.

O Espírito está misturado nela [a igreja], e não sabemos qual é o seu aspeto até que se encontra diante de nós. Ninguém inventou a... igreja, e ninguém a teria inventado na forma para a qual evoluiu. É claro que não poderia ter surgido sem construtores, pelo que existiu e continua a existir muita coisa nela que é humana – por vezes para o bem e outras

vezes não. Mas o Senhor também constrói a casa. (Paul Valliere, citado por Wood; consulte o Anexo A, página 00, nota de rodapé 15).

A igreja: amor encarnado

A igreja é uma dádiva do Deus triuno. A oferta de presentes traz alegria a quem dá e a quem recebe. E tal como sucede no Natal, é sempre extremamente divertido ver os nossos seres queridos a desembulhar presentes. A abertura da dádiva da igreja também deve dar alegria a Deus. Tal como afirma Wood, “Trata-se da *dádiva de Deus* para nós, mas é a dádiva de Deus *para nós*, e temos a liberdade e a responsabilidade inerentes a sermos os beneficiários dessa dádiva”. Quando Deus deu a igreja, estava a pensar em nós – em mim e em vós.

Nós sabemos porque é que Deus dá. Jesus diz-nos:

Pois Deus ama tanto o mundo que entregou o seu único Filho, para que todos aqueles que acreditam n'Ele não pereçam, mas tenham a vida eterna. Na verdade, Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo através d'Ele. (João 3:16-17 NRSV)

O nosso papel enquanto igreja é espalhar o amor de Deus, tão frequentemente e tanto quanto nos for possível. Uma forma através da qual, como Metodistas Unidos, encarnamos o amor, é descrita na nossa tarefa teológica na *Disciplina*.

“A tarefa teológica”, diz a *Disciplina*, “apesar de relacionada com as expressões doutrinárias da Igreja, serve uma outra função. As nossas afirmações doutrinárias ajudam-se a discernir a verdade Cristã nos contextos em constante mudança. A nossa tarefa teológica inclui os ensaios, a renovação, a elaboração e a aplicação da nossa perspectiva doutrinal na execução do nosso chamamento ‘para espalhar a santidade das escrituras sobre essas terras.’”

Pelo seu próprio carácter e conteúdo, as nossas normas doutrinárias não só permitem mas exigem o tipo de compromisso responsável e crítico descrito em “A Nossa Tarefa Teológica”. O nosso trabalho teológico deve ser “crítico e construtivo”, “tanto individual como comunitário”, “contextual e encarnacional” e “essencialmente prático”. (*Wonder, Love, and Praise* [Admiração, Amor e Louvor], citando *The Book of Discipline 2012* [O Livro da Disciplina de 2012]; consulte o anexo A, páginas 00-00, notas 16-17)

Conclusão

Como pessoas chamadas Metodistas, somos discípulos fieis, e somos sinais e servos das ações de Deus no

mundo. Temos um pé na areia movediça do nosso mundo humano mal orientado, preocupado consigo próprio e sedento de poder, mas o outro é agarrado pela mão firme e segura de um Deus que não deixará de nos amparar. Somos chamados a ser testemunhas fiéis e atores responsáveis no plano de Deus para reconciliar o mundo com a Divindade e para encarnar o amor de Deus e a sua graça salvadora em todas as pessoas. Ao assumirmos juntos a mente de Cristo, pensemos em novas formas de sermos a igreja para mais pessoas, em mais lugares, para que todos possam viver em admiração, amor e louvor.

Questões para debate

1. Partilhe um momento em que amou Deus com a sua mente. Consegue assumir a mente de Cristo com pessoas com as quais discorda?
2. Leia e debata Filipenses 2:5.
3. Que coisa nova é que Deus está a fazer na sua vida? Na vida da sua igreja? Que coisa nova é que gostaria que Deus fizesse? Reserve alguns minutos para orar sobre isso.
4. Como é que está a ser um discípulo fiel e ponderado? Como é que a sua igreja ajuda? Como é que os Cristãos ponderados respondem a conflitos sobre a sexualidade humana? Dê exemplos.
5. Porque é que ser um Cristão ponderado é importante para si como pessoa, como membro da igreja e/ou como líder?
6. Todas as igrejas têm conflitos. Como é que procura resolver os conflitos? Em casa? Na igreja? Evita-os, enfrenta-os, envolve-se em mexericos sobre eles, deixa que outra pessoa os resolva, culpa alguém, fica zangado e afasta-se? Na sua experiência, o que é que funciona

- melhor para resolver os conflitos? O que acontece quando as pessoas passam de ignorantes para malévolas? Partilhe um momento em que a sua igreja tenha ultrapassado um conflito.
7. Diz-se frequentemente que, por norma, não se consegue convencer as pessoas com factos, especialmente se os factos delas forem diferentes dos seus. Qual é a sua experiência? Qual é a melhor forma de mudar a opinião de alguém? Quando foi a última vez que mudou a sua opinião sobre alguma coisa ou alguém?
 8. Porque é que valorizamos a educação na igreja? Partilhe algumas coisas sobre deus que tenha aprendido recentemente.
 9. Se ser a igreja significa que acreditamos que a graça de Deus se destina a todas as pessoas e que participamos no amor transformador de Deus que cria a comunidade, que tal se sai a sua igreja local a este nível? Quão carinhosa é a sua igreja? Como é que sabe? Como é que isso se vê?
 10. Como é que a sua igreja, a sua conferência anual e a igreja em geral testemunham fielmente e encarnam o amor?
 11. Como é que a sua igreja se pode parecer mais com a comunidade de fé que Deus pretende? Indique formas como a sua igreja, a sua equipa, a sua turma e a sua comissão assumem em conjunto a mente de Cristo. Como é que a oração e o estudo da Bíblia podem ajudar? De que recursos é que poderá precisar?
 12. Qual é a relação entre o testemunho social e o espalhar da santidade das escrituras? O que é

que significa espalhar a santidade das escrituras? Que diferença é que isso faz?

13. Qual é a diferença entre conhecer Deus e saber coisas sobre Deus? Partilhe alguns exemplos.

14. Como é que pode ver o trabalho de Deus em ação ao lidar com questões relacionadas com a sexualidade humana?

Sessão Três

A Igreja Metodista Unida é importante

Entre aqueles que se deslocaram ao festival para praticar o culto encontravam-se alguns gregos.

Foram ter com Filipe, que era de Betsaida, na Galileia, e disseram-lhe, “Senhor, desejamos ver Jesus.”

—João 12:20-21 (NRSV)

Talvez a sua igreja local não esteja a sentir sobressaltos. Talvez a sua igreja não se importa nem está preocupada com os “acontecimentos” na denominação. Talvez não se preocupe com a forma como a igreja pensa nos homossexuais ou já tenha formado a sua opinião sobre qual o caminho a seguir. Se assim for, o mais provável é que não leia este pequeno livro. Mas independentemente daquilo que acha acerca da homossexualidade, há que dizer que a missão da sua igreja e da Igreja Metodista Unida é importante.

Quando a Guerra na Bósnia começou a acalmar, em 1995, os Metodistas da região decidiram realizar a sua conferência anual. Tendo em conta a quantidade habitual de participantes, os organizadores alugaram uma pequena sala. No entanto, quando a conferência abriu as portas, havia longas filas de pessoas na rua, à espera para entrar. Quem eram estas pessoas e de onde tinham vindo? Acontece que a maioria dessas pessoas eram muçulmanos locais. Quando lhes perguntaram porque é que queriam participar numa conferência de uma igreja Cristã, diz-se que um homem respondeu: “Vocês estavam aqui no início deste conflito. Ficaram cá quando outros partiram. Cuidaram das nossas crianças, das nossas famílias e dos nossos soldados, quando mais ninguém estava disposto a acolhê-los. Vocês disseram que fizeram isto em nome do vosso Deus. Estamos aqui para conhecer o vosso Deus.”

Robert Kohler, um antigo Secretário-Geral Adjunto da Junta do Ministério Ordenado, estava a dar um curso sobre Ética Cristã a um grupo de pastores Metodistas em Sófia, na Bulgária, quando

rebentou a Guerra no Kosovo. Os pastores ficaram muito ansiosos quando, de repente, um míssil perdido foi explodir não muito longe do local da reunião. Todos os pastores estavam longe de casa, e não tinham a certeza se as suas famílias estavam em segurança. Apercebendo-se do seu profundo grau de preocupação, Kohler perguntou aos pastores quais eram as questões éticas mais prementes que enfrentavam nas suas casas, nas suas igrejas, nas suas comunidades, na sua nação e no mundo. Quando tinha feito anteriormente as mesmas perguntas a pastores nos Estados Unidos, por norma as respostas tinham-se centrado na sexualidade, na honestidade, na integridade, no abuso de poder, e assim por diante, e Kohler esperava obter respostas semelhantes em Sófia. No entanto, aquilo que descobriu foi que as questões éticas que nos preocupavam nos Estados Unidos tinham pouca relevância para estes pastores da Bulgária e da Macedónia.

Na verdade, havia apenas uma questão com a qual se preocupavam, nomeadamente a da “hospitalidade”, ou seja, cuidar dos estranhos que estavam nesse momento a atravessar as suas fronteiras em grandes números, em busca de segurança. As famílias Metodistas estavam a acolher estranhos nas suas casas, as igrejas Metodistas estavam a abrir as portas para oferecer comida e abrigo, e as comunidades estavam a procurar suprir as necessidades dos refugiados. A sua nação estava a estabelecer campos para as pessoas em fuga e a pessoa escolhida para supervisionar esses campos era um líder leigo Metodista, que mais tarde viria a inspirar os pastores a viver segundo os preceitos da sua herança Wesleyana, através de atos de hospitalidade Cristã.

Podemos aprender muito acerca de cuidar dos estranhos entre nós, ao olharmos para este exemplo de um pequeno grupo de Metodistas num pequeno país, que fez tudo ao seu alcance para cuidar dos seus vizinhos e dos deslocados durante a eclosão da guerra; nós, as pessoas chamadas Metodistas, estávamos lá.

A Igreja Metodista Unida reconhece ser uma denominação, cuja missão é criar discípulos para Jesus Cristo, com vista à transformação do mundo. Podemos concordar em relação isto, mas fundamentalmente, quando o afirmamos, também queremos dizer que a nossa tarefa, enquanto igreja, é

levar as pessoas a ver Jesus. E a nossa oração, enquanto igreja, deverá ser que, quando as pessoas olhem para nós, vejam Jesus. Também podemos concordar que, enquanto Metodistas Unidos, vemo-nos como pessoas que praticam a conexão. Mas tal como Russell Richey afirma no seu livro *Conexionalismo Metodista: perspectivas históricas*, o nosso problema é que “não existe um conceito único de conexionalismo; ou talvez seja mais preciso dizer, existem muitos conceitos do mesmo” (citado por Charles Wood, anexo A, página 00). Wood diz também: “A utilização Metodista do termo *conexão* surgiu no século XVIII, decorrendo do facto de que determinadas sociedades religiosas na Grã-Bretanha eram nesse momento consideradas legítimas ou lícitas caso fossem supervisionadas, ou estivessem “em conexão com” um clérigo Anglicano.”

John Wesley era precisamente isso – um membro ordenado da Igreja Anglicana. Enquanto a grafia do termo em inglês mudou, passando de *connexion* para *connection*, o seu significado também se alterou. Hoje em dia, temos tendência a pensar na *conexão* (“connection”) como estando associada a coisas como a interdependência, a mutualidade, a consulta e a colegialidade na partilha do poder. Nos tempos de Wesley, significava estar sob a direção de Wesley ou das pessoas nomeadas por ele, e mais tarde ordenadas por ele, o que era contrário à lei da Igreja Anglicana. Para esses primeiros metodistas, a conexão (“connexion”) envolvia uma autoridade central forte e uma cadeia de comando eficaz. E mesmo nos nossos dias, se olharmos com atenção, as tensões inerentes na “connexion” por oposição à nossa “connection” continuam a existir. Somos principalmente controlados a nível central, com uma cadeia de comando autorizada, ou somos interdependentes, mutualistas, consultivos e partilhamos o poder? Na verdade, mantemos ambos em tensão.

Nos seus primórdios, o Metodismo era um movimento. Mesmo depois de chegar à América colonial, o Metodismo continuou a não ser o que designaríamos de entidade organizada independente até após a Revolução Americana.¹ A denominação Metodista Unida que conhecemos hoje é o resultado de várias entidades que a precederam – mais recentemente, em 1968, a Igreja Evangélica dos Irmãos Unidos

¹ Para uma história concisa do Metodismo Americano, consulte Russell E. Richey, Kenneth E. Rowe e Jean Miller Schmidt, *American Methodism: A Compact History* (Nashville: Abingdon Press, 2012).

e a Igreja Metodista fundiram-se, sendo aquelas já o resultado de fusões anteriores. Na verdade, podemos perguntar o que *é* efetivamente uma denominação. Charles Wood afirma que ser uma denominação é, em termos gerais, uma forma especificamente americana de ser uma igreja, embora algumas raízes possam remontar ao Protestantismo Inglês e, antes disso, à Reforma Protestante (anexo A, página 00). Wood salienta também que nem todas as igrejas nos Estados Unidos se veem como denominações. Os Católicos e os Episcopalianos consideram-se membros de uma comunhão mundial e têm alguma dificuldade em fazer corresponder a sua experiência a esse modelo. Wood afirma que até mesmo os Batistas têm algumas sérias reservas em relação à ideia, defendendo que a congregação local é a verdadeira igreja. Podemos até dizer que algumas mega igrejas, missões independentes e instituições não denominacionais vieram a tornar-se denominações “de facto” devido à sua necessidade de estabilidade, organização e liderança autorizada.

Também é verdade que muitas pessoas em congregações locais passam livremente de uma igreja para outra, de uma denominação para outra, sem pensar muito no assunto, exceto no que toca, por exemplo, a que igreja tem o melhor programa para as crianças ou os jovens. Muitas congregações locais podem ter as palavras “Metodista Unida” no nome da sua igreja, mas funcionam como se fossem algo completamente diferente, como se vivessem num mundo à parte.

Então, porquê ter uma denominação, se isso apenas serve a necessidade burocrática de um grupo de igrejas? Outra questão que veio à tona recentemente: O conceito de denominação é uma forma institucional funcional num contexto mundial?

Em relação à primeira questão, sobre se existe uma necessidade de uma estrutura denominacional, existem algumas coisas que apenas a igreja geral pode fazer. Embora este livro não seja sobre a estrutura MU, poderá ser útil para analisar a missão da igreja, conforme cumprida por uma das agências gerais. No passado, uma crítica feita às agências gerais² foi que não têm uma conexão

² A Conferência Geral estabelece agências gerais (ou agências que abrangem toda a igreja) para prestarem serviços essenciais e ministérios que estão para além do âmbito das congregações locais individuais e das conferências anuais, sendo estas importantes para proporcionar uma visão, missão e ministério comuns a toda a igreja global. A

suficientemente estreita com a igreja, pelo que existe um fosso entre elas. Em resposta, as agências gerais ouvem atualmente a igreja com muita atenção e estão a responder em conformidade; por exemplo, a JGESM (em inglês, “GBHEM”) deu início a um programa de publicações académicas; oportunidades mais abrangentes de liderança e formação para o ministério colegial; e, mais recentemente, Ensino Pastoral Clínico global.

A nossa igreja segue a nossa tradição Metodista instituída por John Wesley, que esperava que o desejo inato de arrependimento sentido pelo coração, uma vez concretizado através da misericórdia salvadora de Cristo, levaria a um discipulado profundamente informado e empenhado. Consequentemente, facultou aos seus seguidores leituras e instruções sobre a Bíblia e outros textos que considerava necessários para curar as suas almas e os seus corpos. Para além de suportarem as dificuldades inerentes à pregação itinerante, Wesley esperava que os seus pregadores lessem e estudassem, indicando-lhes o seu programa de estudo. Fez isto para que os pregadores, bem como os leigos, pudessem compreender a profundidade da fé Cristã, enraizada tanto no coração como na mente.

Segue-se uma amostra daquilo que a Igreja Metodista Unida pode fazer através, por exemplo, da Junta Geral de Educação Superior e Ministério. A JGESM supervisiona a formação e a credenciação de pessoas ordenadas e ajuda as pessoas a identificar o seu chamamento para o ministério. Para além disso, proporciona empréstimos e bolsas para a educação superior. Através da JGESM, a Igreja Metodista Unida também apoia imensos capelães e conselheiros pastorais altamente qualificados, que prestam serviço em locais como as Forças Armadas, hospitais, centros de aconselhamento, prisões, esquadras da polícia e quartéis de bombeiros. Para além disso, a JGESM dá formação a líderes, uma vez que serve e faculta

Conferência Geral e a Mesa Conexional partilham a supervisão dos programas e ministérios das agências. Cada agência é administrada por um conselho de administração, cujos membros, tanto leigos como clérigos, são eleitos pelas jurisdições e pelas conferências centrais. Os bispos, conforme nomeação do conselho, também partilham a supervisão nestas juntas. Estas são a Junta Geral de Educação Superior e Ministério; a Comissão Geral de Arquivos e História; a Junta Geral de Igreja e Sociedade; as Comunicações Metodistas Unidas; os Ministérios de Discipulado; a Junta Geral de Ministérios Globais; a Junta Geral de Educação Superior e Ministério; a Junta Geral de Finanças e Administração; a Wespith (Benefícios de Pensões e de Saúde); a Comissão Geral de Religião e Raça; a Comissão Geral sobre a Situação e o Papel das Mulheres; Homens Metodistas Unidos; Mulheres Metodistas Unidas; United Methodist Publishing House (Editora Metodista Unida).

recursos ao ministério do campus e às Faculdades Negras Históricas da Igreja Metodista Unida. A JGESM não só supervisiona o programa de estudos para os pastores locais, como também, em alguns locais, construiu estradas para que os pastores possam participar nestes cursos, bem como traduziu livros para que os pastores possam ler na sua língua materna. A JGESM trabalha com as instituições de ensino Metodistas Unidas a todos os níveis e por todo o mundo. Proporciona especialmente acesso a pessoas que, de outro modo, não estariam ligadas à igreja ou não poderiam aproveitar os seus benefícios. Apenas uma agência geral pode reunir Metodistas Unidos de todo o mundo para um evento como o colóquio.

Se analisarmos os últimos 40 anos, a Igreja Metodista Unida trabalhou para criar estruturas em muitos países, espalhados por vários continentes e com condições sociais, culturais, políticas e económicas muito diferentes. As questões relacionadas com o facto de ser uma denominação mundial são especialmente pertinentes no que toca às questões em torno da homossexualidade. As leis e as atitudes em relação à homossexualidade variam dependendo dos contextos culturais. Em alguns locais, a prática da homossexualidade é considerada repugnante. Realizar um casamento entre pessoas do mesmo sexo não só é ilegal em alguns locais, como também é punível com pena de morte.

Conforme mencionado anteriormente, para obter dados relacionados com opiniões sobre a homossexualidade, consulte o Pew Research Center (Centro de Investigação de Pew), <http://www.pewresearch.org/topics/gay-marriage-and-homosexuality/>. Encontrará aí informações úteis sobre a diversidade de pontos de vista em diferentes grupos demográficos, incluindo atitudes a nível internacional. Queira consultar as conclusões.

O colóquio estimulou imenso o debate acerca da estrutura denominacional. Vários estudiosos sugeriram que talvez existam formas melhores de nos organizarmos no futuro, independentemente de chegarmos ou não a acordo em relação à homossexualidade. Tal como pergunta Charles Wood, “Como é que podemos... concretizar uma forma adequadamente diversificada de comunidade Cristã – que possa ser um modelo e uma inspiração para uma comunidade *humana* adequadamente diversificada?” (anexo A, página 00). Talvez existam formas melhores que devemos considerar. No próximo capítulo, são

apresentadas algumas outras possibilidades a nível organizacional.

Neste trabalho, Charles Wood menciona um discurso proferido por Ted Campbell (que também participou no colóquio) perante o Conselho Metodista Mundial em 2016. No seu discurso, o Dr. Campbell perguntou: “Será que existem formas... de dividir... que possam vir a criar novas unidades?” Ou seja, será que as questões atuais que nos dividem também servirão para nos proporcionar uma oportunidade de avançarmos para parcerias diferentes, e talvez mais significativas, com os nossos parceiros Wesleyanos e ecuménicos, tais como a Igreja Metodista Episcopal Cristã (Christian Methodist Episcopal Church, CME) ou a Igreja Metodista Episcopal Africana (African Methodist Episcopal Church, AME)? Assim, perguntamos em uníssono com Charles Wood: “Será que podemos, pela graça de Deus, encontrar uma maneira de permitir uma diversificação adequada que não envolva a divisão, e que, com o passar do tempo, permita uma concretização mais plena e seja testemunho de uma unidade genuína?” (anexo A, página 00).

Seja qual for a estrutura que adotemos, temos importância enquanto denominação, independentemente da forma como nos reconfiguremos. Seja o que for que aconteça, Deus tem uma missão para nós, as pessoas chamadas Metodistas. Por isso, independentemente da maneira como nos organizemos, não devemos ofuscar a visão que as pessoas têm de Jesus. A Igreja Metodista Unida é importante apenas na medida em que conduzimos as pessoas até à cura e à plenitude que Jesus oferece.

Em resposta à crise na saúde em África, uma jovem médica americana foi servir em nome da sua igreja. Viajou sob a égide de uma agência da Igreja Metodista Unida. Em África, conheceu um médico africano e a sua esposa, que também eram Metodistas Unidos. Ao longo de um mês, a mulher americana e o seu colega africano trabalharam lado a lado para ajudar a curar e a aliviar o sofrimento.

O tempo passou rapidamente e, no final do mês, foi substituída por outro médico e regressou a casa. Inspirada e estimulada pelo seu trabalho, decidiu regressar a África uma segunda vez. Ao chegar, voltou a encontrar o médico africano, e desta vez, foi apresentada a outra das suas esposas. Sem tempo para pensar no assunto, ela e o médico africano conduziram pelo campo, curando vítimas de doenças e

salvando muitas vidas. Muitas pessoas disseram que a médica era um anjo enviado por Deus. Outras, disseram que o médico era a mão que cura de Deus. Então, tal como da primeira vez, chegou o momento da médica regressar a casa. Quando voltou, ficou encantada ao saber que o seu estado tinha acabado de legalizar o casamento entre pessoas do mesmo sexo, e casou-se com a sua companheira de longa data. Pouco depois da cerimónia, aceitou outra comissão de serviço em África. Quando se encontrou com o mesmo médico africano, foi apresentada a outra das suas esposas. Tendo em conta que o médico tinha pelo menos três esposas, ela decidiu confrontar o seu colega e, quando o fez, contou-lhe que se tinha casado recentemente com a sua companheira do mesmo sexo. Ambos olharam para o outro horrorizados – ele, devido ao facto de a sua amiga ser lésbica e, por conseguinte, merecedora da pena de morte, e ela devido às injustiças da poligamia. Então, perguntaram um ao outro: “O que é mais importante, fazermos o trabalho de Deus juntos, ou o facto de sermos recetáculos imperfeitos, ou até mesmo pecadores?” Meteram-se no camião e fizeram-se à estrada.

As pessoas que os médicos ajudaram e curaram viram Jesus neles. E você, o que vê?

Questões para debate

1. Em que rosto viu Jesus recentemente? Como é que reconhece o rosto de Jesus noutras pessoas?
2. Partilhe o que significa ser um Metodista Unido. Como é que se tornou um Metodista Unido?
3. Qual é o seu entendimento da missão da sua igreja? Da denominação?
4. Em que tipos de missões já esteve envolvido? Partilhe algumas das suas experiências mais significativas ao estar numa missão.
5. Partilhe uma história sobre a sua experiência da conexão Metodista Unida.

6. Quão conectada está a sua igreja à sua conferência, à sua comunidade, à denominação?
7. Acha que o tempo das denominações chegou ao fim?
8. O que significa ser uma estrutura de igreja mundial? Quais as vantagens e desvantagens associadas a ser uma denominação mundial?
9. Existem outras formas de organizar a IMU que possam ser mais úteis para lidar com a diversidade?
10. Se ocorresse uma cisão da IMU, o que aconteceria com a ordenação, o apoio, a supervisão educativa, a missão global, as faculdades e universidade, e outras instituições que estão associadas com a IMU?
11. Se ocorresse uma cisão ou fragmentação da IMU, o que poderia acontecer à sua igreja local?
O que poderia acontecer à missão Metodista Unida no seu distrito? conferência anual? no mundo?
12. Faça uma lista do trabalho missionário realizado pela IMU. O que gostaria de saber acerca das agências gerais e do seu trabalho? Como é que o podem ajudar?

Sessão Quatro

Encontrar um caminho a seguir é importante

Deus é amor, e aqueles que vivem no amor
vivem em Deus, e Deus vive neles.

O amor foi aperfeiçoado entre nós desta forma:

que tenhamos confiança no dia do juízo,
porque tal como ele é, somos nós também neste mundo.

Não existe medo no amor, antes o amor perfeito afasta o medo.

—1 João 4:16b-18a (NRSV)

Procurem a paz com todos,
e a santidade sem a qual ninguém verá o Senhor.

Façam com que ninguém deixe de obter a graça de Deus;
que nenhuma raiz de amargura brote e cause problemas,
e por ela muitos sejam contaminados.

—Hebreus 12:14-15 (NRSV)

A Dra. Kim Cape conta esta história:

Em 2001, viajei para a África do Sul e Moçambique como parte da equipa de *The Upper Room* (O Cenáculo), um guia de devoção diário. Estava a trabalhar para Steve Bryant, que ia pregar no culto dessa tarde. Estávamos lá para lançar a versão da revista em português africano, por isso viajámos para o norte a partir de Maputo, percorrendo a costa pela única estrada pavimentada, que dispunha de uma única faixa de rodagem, visitando igrejas e pedindo às pessoas para partilharem as suas histórias de Deus à medida que íamos avançando. Conduzimos durante várias horas, enfrentando solavancos e tendo ocasionalmente tendo de fazer movimentos bruscos junto à estreita berma da estrada, para evitar buracos. Olhando distraidamente pela janela, apercebi-me que junto à estrada se estendia aquilo que pensei ser fita de construção laranja. Quando guinávamos à direita, quase podia estender a mão para fora da janela e tocá-la. Mas continuámos a avançar por quilómetros que pareciam não ter fim, e a fita laranja estendia-se à nossa frente, como

uma longa tira. Então, apercebi-me de algo e abanei a cabeça. Não se viam trabalhos de construção em lado nenhum. Por isso, perguntei ao condutor para que é que servia toda aquela fita laranja. E ele respondeu descontraidamente: “Ah, essa fita laranja serve para mostrar onde é que existem minas. Ainda temos muitas minas nos campos, dos tempos da nossa guerra civil.” Como podem imaginar, não voltei a descansar durante a viagem. Havia minas por todo o lado.

Existem minas por todo o lado, especialmente no que toca à conversa, e até mesmo à conversa sagrada, sobre a sexualidade humana. Porquê? Talvez porque toda a gente tem uma história – algumas para partilhar e outras para manter em segredo. Mas seja qual for o caso, quando debatemos a homossexualidade e a igreja, devemos permanecer alerta.

Charles Wood lembra-nos que, muitas vezes, as pessoas pura e simplesmente não estão interessadas em procurar ou promover a compreensão mútua (anexo A, página 00). Porque é que isso acontece? Por vezes, procuramos evitar ou impedir a compreensão. E dispomos de ferramentas para esse fim. Entre estas, o medo é uma das mais acessíveis e potentes, e isto provavelmente explica as centenas de vezes que Deus e/ou os seus agentes dizem na Bíblia: “Não tenhais medo”. O medo e a suspeita colocam-nos na defensiva, ao invés de abrirem um caminho para seguir em frente. Conhecemos demasiado bem as “questões de clivagem” e as estratégias de polarização nas igrejas e na sociedade em geral. Cabe-nos deixar para trás os nossos medos e ansiedades, para alcançarmos uma fé mais profunda e um amor mais perfeito em relação a Deus e ao próximo.

Durante um dos debates envolvendo o grupo alargado no colóquio, a Dra. Lisa M. Allen-McLaurin comentou que nós, a igreja, não nos podemos dedicar a descartar as pessoas. Ela não mencionou a parábola de Jesus relativa ao bom samaritano, mas não foi preciso fazê-lo. O significado era claro. Independentemente da posição que assuma em relação à homossexualidade, a igreja precisa de todas as pessoas. Somos todos necessários para criar e cuidar dos discípulos de Jesus Cristo, com vista a transformar o mundo.

O Dr. Cape conta também esta história:

O meu sogro, John Gibbs, nasceu em Seguin, uma pequena cidade no Sul do Texas. A sua mãe faleceu durante o parto, por isso ele nunca a conheceu. O seu pai trabalhava em Austin e passava lá a maior parte do seu tempo, pelo que o John foi criado pelas suas

duas tias solteiras. O John lembra-se que, quando andava no liceu e ia sair num encontro com uma rapariga, tinha de passar pelas suas tias, que estavam sentadas à mesa da cozinha – por norma, a descascar nozes pécan ou feijão-frade – e antes de ouvir a porta da rua a fechar-se atrás de si, por mais depressa que tentasse escapar, a sua tia Bess dizia “John, lembra-te de quem é a tua família.”

Como Metodistas Unidos, somos família de todos os Cristãos e fazemos parte da igreja universal. Não só isso, como também estamos rodeados por uma grande multidão de testemunhas (Hebreus 12:1) que nos impele a avançar, incentivando-nos a sermos persistentes e a corrermos a carreira que temos por diante. Os conflitos humanos não derrotarão a missão de Deus nem alterarão o plano divino, de reconciliar todo o mundo com Deus. Por isso, quem somos nós para desistirmos agora e simplesmente virarmos as costas à Igreja Metodista Unida?

Se acha que a sexualidade humana é uma ameaça grave para a unidade da Igreja Metodista Unida, talvez seja útil saber como a Igreja enfrentou outra ameaça e encontrou uma maior unidade ao formular o Credo Niceno. Resumidamente, no ano 325 d.C., o Imperador Constantino reuniu um concílio de bispos para resolver uma controvérsia que representava um perigo para a igreja. O debate estava relacionado com a natureza divina e humana de Jesus Cristo. A conversação não foi sagrada e, literalmente, fez correr sangue nas ruas. Parecia que não existiam palavras para exprimir adequadamente a divindade e humanidade de Cristo, ou pelo menos não existiam palavras com que todos pudessem concordar. Isso até Atanásio de Alexandria usar uma nova palavra, *homoousios*, que embora não fosse perfeita, era suficiente.

Hoje em dia, a Igreja Metodista Unida está sob ameaça. Na verdade, algumas igrejas locais já se retiraram da denominação devido a questões relacionadas com a sexualidade humana. No seu trabalho, Charles Wood sugere que precisamos de algo novo. Precisamos de redefinir o que é uma denominação, para que a nossa igreja possa “permitir uma diversificação adequada que não envolva a divisão, e que, com o passar do tempo, permita uma concretização mais plena e seja testemunho de uma unidade genuína (anexo A, página 00). Será que isto é sequer possível? Para responder, o Dr. Wood descreve quatro conceitos que podem ajudar: subsidiaridade, diversidade reconciliada, consenso diferenciado, e receção

(anexo A, páginas 00–00).

Subsidiaridade

A *subsidiaridade* é o princípio de que as decisões são tomadas ao nível mais baixo possível. Embora algumas pessoas possam não gostar da utilização da palavra *nível*, esta parece inevitável, uma vez que a palavra em si incorpora uma noção de hierarquia. Outra maneira de dizê-lo poderia ser “no contexto mais específico permissível”. Ou talvez: a subsidiaridade é um princípio que consiste em não retirar às pessoas as tarefas que elas conseguem realizar sozinhas e em evitar a transferência da tomada de decisões para autoridades superiores que não estejam diretamente envolvidas. Este princípio pode ser utilizado para privilegiar o contexto das igrejas locais ou do ministério local.

Wood refere em seguida que uma vantagem da subsidiaridade é que as pessoas normalmente acham que é “muito mais fácil trabalhar no sentido da compreensão mútua quando o esforço não envolve uma luta interna em relação aos recursos e ao poder”. Quando mais amplo for o contexto, por norma mais estará em causa; e quando as decisões geram conflitos, é mais fácil diminuir as tensões. Isto pode ajudar a que as pessoas estejam mais abertas e se sintam mais satisfeitas com os resultados no longo prazo.

Diversidade Reconciliada

O Dr. Wood explica que a diversidade reconciliada é “de certo modo, a subsidiaridade depois do facto consumado” (anexo A, página 00). Este princípio é utilizado pela Comunidade de Igrejas Protestantes na Europa para designar a forma como as igrejas com formas de ordenamento que historicamente estão em conflito, ou seja, com diferentes estruturas de ministério ordenado e de supervisão, podem reconhecer a legitimidade da ordem de cada uma, embora não se sujeitem a essa outra ordem. Wood refere que este princípio se aplica à diversidade na doutrina oficial e nas normas doutrinárias. “Surge não porque tenhamos decidido ultrapassar as nossas divisões, mas sim porque Deus não permite que as nossas divisões tenham a última palavra” (anexo A, página 00).

Para o Metodismo Unido, neste momento da nossa história, Wood diz que a diversidade

reconciliada pode soar como se estivéssemos simplesmente dispostos a “estar de acordo em discordar”, deixando de explorar as questões sobre as quais temos opiniões divergentes. É de sublinhar uma vez mais, que não se trata de reconciliar as nossas diferenças, mas sim do facto de sermos reconciliados por Deus, apesar das nossas diferenças.

Consenso Diferenciado

Este princípio descreve a forma como as igrejas com ensinamentos aparentemente em conflito descobrem que não estão verdadeiramente em conflito, através de um processo de partilha e discernimento.

Encontram um princípio mais fundamental ao qual apelar. Aqui, diferentes partes podem manter as suas diferenças e, ainda assim, entender-se a si próprias como afirmando que a outra parte também pode afirmar.

Será que este princípio pode ser útil para a Igreja Metodista Unida? Será que existe um conceito mais fundamental que possa incluir aqueles que desejam ordenar homossexuais praticantes assumidos e aqueles que não desejam fazê-lo? Isso depende do enquadramento do debate, e os trabalhos apresentados no colóquio enquadraram as questões de forma diferente, fazendo com que o consenso diferenciado seja pouco provável neste momento.

Receção

Este princípio é tão antigo como a própria igreja, estando estreitamente associado com o tema da conciliaridade, que se refere à forma como se chega às decisões num conselho – um sínodo, uma assembleia ou uma reunião de líderes Cristãos representativos – por exemplo, numa Conferência Geral. A importância da receção é que um conselho regional relativamente pequeno poderá vir a ser considerado uma autoridade na matéria se os seus ensinamentos vierem a ser amplamente aceites.

Talvez não ser recebido seja instrutivo. Algumas das decisões relativas à prática da homossexualidade, por exemplo, não foram recebidas, pelo menos não de forma positiva, por parte de um número significativo de membros da Igreja Metodista Unida, bem como de clérigos, conferências anuais e

bispos. E isto leva-nos de novo ao motivo pelo qual a nossa igreja está no ponto em que se encontra atualmente.

Sugestões de novas estruturas¹

Durante o colóquio, foram apresentadas algumas sugestões de novas configurações para aquilo que é atualmente a Igreja Metodista Unida. Estas são duas dessas sugestões, mas houve outras.

Modelo de Irmandade Conciliar

“Irmandade conciliar” é outro termo utilizado atualmente no debate ecuménico para descrever a situação que permite às igrejas serem estruturadas como uma “comunidade de comunidades”. Adotar (de forma mais plena e intencional) um modelo conciliar como parte de um caminho a seguir para a Igreja Metodista Unida iria permitir-nos perspetivar a nossa “conexionalidade” em termos das condições para a irmandade conciliar. Os instrumentos da irmandade conciliar são, essencialmente, os mesmos que os da unidade Cristã, ou seja, Palavra, Sacramento e Ordem. Quando aplicados à situação de comunidades Cristãs separadas envolvidas em debate ecuménico, estes foram habitualmente articulados de modo a tornar explícitas algumas condições para ultrapassar as barreiras à unidade. Assim, uma lista representativa e breve das condições para a irmandade conciliar incluiria as seguintes coisas: confissão partilhada da fé apostólica; reconhecimento mútuo de membros e ministérios, celebração partilhada da Eucaristia, a capacidade de reunir e tomar decisões em conjunto quando adequado, e a cooperação na missão. No entanto, a questão continua a ser se a IMU, com alguns ajustamentos ao nível da política, dos procedimentos e das formas de relacionamento, nos permite cumprir estas condições, sendo que nesse caso estaríamos em irmandade conciliar no seio da conexão; ou se seremos forçados a aceitar que estamos, na melhor das hipóteses, numa fase “pré-conciliar”, ou seja, não conseguimos cumprir uma ou mais destas condições.

¹ Estes modelos tiveram origem numa conversa de um grupo pequeno durante o colóquio e foram apresentados pelo Dr. Kendall Soulen, que foi o moderador do grupo. São incluídos neste documento para estimular a imaginação do leitor. Não são propostas, nem se destinavam a sê-lo.

Para além disso, existem graus ou níveis de pré-conciliaridade, que vão desde coisas como conselhos de igrejas nacionais ou locais, até coisas como concordatas e relações de “comunhão plena”. Se a igreja escolhesse a pré-conciliaridade, teríamos de decidir exatamente que grau ou nível seria adequado. Para os membros da igreja que decidem que as suas diferenças em relação aos outros são de tal ordem que não os podem considerar Cristãos genuínos – ou seja, que esses outros estão a recusar algo que consideram essencial para a fé e a vida Cristãs – nem sequer uma relação de pré-conciliaridade seria possível neste momento.

Modelo Pré-Conciliar

A noção da opção pré-conciliar assumiu um papel de destaque no debate ecuménico, nos casos em que as igrejas não podem exercer ainda a opção conciliar de serem uma comunhão de comunhões, devido a diferenças irreconciliáveis ao nível da Palavra, do Sacramento ou da Ordem. No entanto, mantém em aberto a possibilidade de um progresso para chegar a essa opção.

Utilizando este modelo, seria possível a formação de um Conselho de Igrejas Metodistas Unidas, ao qual poderiam estar afiliadas as denominações sucessoras da atual Igreja Metodista Unida. O conselho poderia ser uma associação de novas entidades Metodistas Unidas (potencialmente, duas ou três). Não teria poderes de supervisão ou de autoridade sobre as novas entidades autónomas, mas proporcionaria um vínculo de união mais forte do que, por exemplo, o Conselho Mundial de Igrejas. Por conseguinte, seria um local institucional que poderia promover projetos conjuntos que beneficiariam as igrejas membro. Estes poderiam perfeitamente incluir projetos de estudos conjuntos para enfrentar as muitas questões complexas em torno da sexualidade humana. A sua razão de ser seria assegurar um vínculo genuíno de irmandade entre quaisquer novas instâncias do Metodismo Unido.

As igrejas membro poderiam estar em comunhão plena umas com as outras, reconhecendo mutuamente uma convergência suficiente em termos da fé apostólica, da Palavra, do Sacramento e do ministério, para expressar isto em termos da sua pertença ao Conselho de Igrejas Metodistas Unidas. Poderia existir a comunhão plena e o reconhecimento mútuo dos respetivos membros e ministérios, de

forma semelhante aos acordos atuais com a Igreja Luterana Evangélica na América (ILEA) e a Igreja Episcopal (pendente). A transferência dos membros exigiria a transferência ordeira do membro e do clérigo, desde que fossem cumpridos os requisitos disciplinares da entidade que os receberia. Cada igreja teria os seus próprios bispos e o seu próprio *Livro da Disciplina*. Cada uma poderia ser responsável pelo seu próprio financiamento.

A fundamentação para esta opção enfrenta o facto de já nos encontrarmos numa situação de desunião ou de separação interna, devido a diferenças irreconciliáveis relacionadas com a Palavra, o Sacramento e a Ordem. No entanto, mantém intacto o reconhecimento de cada uma como comunhões Cristãs. Liberta cada igreja para seguir a sua própria identidade e, tendo em conta que essa identidade está relacionada com a vitalidade, proporciona a possibilidade de um novo impulso a cada comunhão. Fornece a possibilidade de se incentivarem mutuamente a praticar o amor e as boas obras. Também mantém em aberto a possibilidade de passagem para a conciliaridade plena no futuro. Do mesmo modo, poderia abrir a opção de outras igrejas Metodistas espalhadas pelo mundo se afiliarem ao Conselho de Igrejas Metodistas Unidas.

Conclusão

Independentemente do futuro que Deus tem reservado para a Igreja Metodista Unida, podemos ter a certeza disto: Cristo é o Senhor. Cristo é o Senhor do passado, do presente e do futuro. Por isso, que temos a temer?

Ao viajar por Moçambique, a Dra. Kim Cape e várias outras pessoas chegaram a uma igreja. Tinham passado muitas horas na estrada, pelo que estavam cansados e com fome. Foram recebidos por cerca de 40 pessoas, que deram as boas-vindas aos convidados com palmas e canções. O canto era angélico, como se fosse o próprio coro de Deus a cantar. Na reunião que se seguiu, o Dr. Cape e os outros visitantes disseram às pessoas que queriam ouvir as suas histórias acerca de Deus e que queriam partilhar essas histórias, como testemunhas da fé. As pessoas da igreja ficaram encantadas e um homem disse: “Estamos muito contentes por nos terem pedido para partilharmos as nossas histórias de Deus. Temos

muitas histórias para contar. Tivemos a guerra, e tivemos de lutar contra inundações, doenças e a fome. E temos muitas histórias para contar sobre como Deus tem sido bom para nós. Mas primeiro, vamos comer.”

As mulheres da igreja tinham preparando um almoço para os quatro americanos, o superintendente distrital e a sua esposa, o pastor e a sua esposa, e o líder leigo. A refeição seria partilhada por nove pessoas. As mulheres trouxeram uma travessa de frango assado e batatas fritas. Kim contou os pedaços de frango. Havia cinco frangos inteiros, cortados a meio – 10 pedaços de frango – e não havia talheres. O pastor pegou em meio frango, partiu-o a meio com as mãos e disse: “Vamos comer à moda de Moçambique”. Por isso, Kim pegou no seu frango e começou a comer. Mas quando o fez, reparou nos membros da congregação. Havia homens sentados em bancos, mulheres sentadas no chão de terra, e outras mulheres que passeavam pela multidão. Essas mulheres tinham tigelas de madeira e estavam a distribuir arroz, sobre o qual deitavam um pouco de caldo de galinha. Kim disse que, ao ver isto, “Passou a ser mais difícil mastigar”. Por fim, sobrou apenas meio frango e o pastor passou-o aos convidados, para que o partilhassem. Foi então que Kim percebeu, à medida que comia o seu frango: “Este não era um frango congelado. Este frango fugiu para escapar à morte durante muito tempo.” E imaginou as Mulheres Metodistas Unidas a reunir-se nessa manhã, para decidir que frangos seriam cozinhados para o almoço. Kim afirma: “Aquela refeição, com cinco frangos, foi um ato sacramental de hospitalidade, mas também foi um ato de oferta sacrificial. Naquele momento, era claro que o anfitrião era Jesus Cristo. Cristo era o convidado de honra. Era para Cristo que aquelas pessoas davam o seu melhor. Tudo o que tinham para dar.”

Quando nós, os Metodistas Unidos, nos reunimos para pensar em novas formas de sermos uma igreja mundial, devemos estar dispostos a dar o nosso melhor a Jesus – tudo o que temos para dar. Ao procurarmos ser Metodistas Unidos fiéis, que neste momento estão divididos em relação à sexualidade humana, devemos estar preparados para dar e estender a hospitalidade a convidados, estrangeiros, estranhos, amigos, vizinhos e familiares. Porque Cristo é o anfitrião. Cristo é o chefe da igreja e nós

prometemos dar o nosso tempo, serviço, dons, talentos e testemunho para criar discípulos de Jesus Cristo, com vista à transformação do mundo.

Enquanto pensamos na nossa igreja e assumimos a mente de Cristo juntos, considere este poema atribuído a Ernest Campbell, que foi o pastor principal da Igreja de Riverside, na cidade de Nova Iorque, entre 1968–1976.

Ser jovem é estudar em escolas
que não construímos.
Ser maduro é construir escolas
nas quais não iremos estudar.

Ser jovem é nadar em piscinas
que não escavámos.
Ser maduro é escavar piscinas
nas quais não iremos nadar.

Ser jovem é sentar-se à sombra de árvores,
que não plantámos.
Ser maduro é plantar árvores,
sobre cuja sombra não nos sentaremos.

Ser jovem é dançar ao som da música
que não compusemos.
Ser maduro é compor música
a cujo som não dançaremos.

Ser jovem é praticar o culto em igrejas
que não construímos.
Ser maduro é construir igreja
em que talvez não venhamos a praticar o culto.

À medida que avançamos, comprometemo-nos juntos a amar a Deus com as nossas mentes e a aceitar a graça de Deus, para vivermos como Cristãos maduros, perdidos em admiração, amor e louvor.

Questões para debate

1. Quão importante é a sua igreja para si? Quão importante é ser um Metodista Unido? Na sua opinião, a Igreja Metodista Unida é importante? Em caso afirmativo, quão importante?
2. Como é que mantém os seus votos de membro, de servir a Deus com as suas orações,

- presença, dons, serviço e testemunho? O que é que a santidade significa para si?
3. Com que minas é que se deparou ao falar com outras pessoas acerca da sexualidade humana?
Quem é que, na sua igreja, concorda e discorda da sua posição em relação à prática da homossexualidade?
 4. Hoje em dia, parecem existir muitos géneros diferentes e algumas pessoas são transexuais.
Isto representa um problema na sua igreja? Se isto representa um problema, ou pode vir a sê-lo, como é que a sua igreja o irá abordar?
 5. Quais são algumas das questões de “clivagem” que já encontrou? Como é que dividiram a sua igreja, a sua família, o seu próprio pensamento?
 6. Que tipo de ouvinte é? Partilhe um momento em que tenha sentido que a sua voz foi ouvida.
Como se sentiu? O que acontece quando alguém sente que a sua voz não é ouvida? De que formas podemos ouvir melhor as pessoas de quem discordamos?
 7. Reserve algum tempo para pensar em formas como a Igreja Metodista Unida poderá servir melhor as pessoas que têm opiniões fortes em relação à sexualidade humana, tanto a favor ou contra.
 8. Debata a subsidiaridade, a diversidade reconciliada, o consenso diferenciado e a receção.
Como é que estes princípios poderão ajudar a fazer avançar a igreja? Consegue pensar noutros princípios úteis?

9. Como é que a sua igreja reagiria se o seu bispo nomeasse um homossexual praticante para a sua igreja? O que faria?

10. Conhece alguém que seja homossexual ou faça parte da comunidade LGBTQ?

11. Considere as conclusões do Pew Research Center. Qual é a sua reação ao facto de a prática homossexual estar a ganhar mais aceitação? Isso é importante? Consulte:
<http://www.pewresearch.org/fact-tank/2016/05/12/support-steady-for-same-sex-marriage-and-acceptance-of-homosexuality/>.

12. Conhece alguém que seja homossexual praticante e também seja um Cristão fiel? Que diferença é que isso faz?

13. Vê um caminho em frente para a Igreja Metodista Unida? Qual é a sua reação ao modelo de Irmandade Conciliar e ao modelo Pré-conciliar? Quais são os pontos fortes e fracos de cada um deles?

14. Quão importante é para si que a IMU permaneça uma denominação? Quão importante é para a missão da sua igreja? Para a missão da denominação? E se a separação da igreja destruir congregações locais? E se continuarmos tal como estamos, como uma denominação, prejudicar as pessoas e destruir congregações locais?

15. Está disposto a oferecer hospitalidade às pessoas com quem tem conflitos? Está disposto a fazer sacrifícios para seu benefício? Que aspeto é que isso poderia dar?

16. Qual acredita ser a vontade de Deus para o futuro da Igreja Metodista Unida?

17. Como é que a sua fé cresceu ao longo do último ano? Conhece outras pessoas que acolheriam com agrado a oportunidade de amar melhor a Deus com as suas mentes?

Posfácio

O colóquio “A unidade da Igreja e a sexualidade humana: Em prol de um Testemunho Metodista Unido fiel”, representou uma colaboração entre a Junta Geral de Educação Superior e Ministério, a Associação Americana de Escolas Teológicas Metodistas Unidas e a Comissão sobre um Caminho a Seguir. A nível mais pessoal, começou como uma conversa com duas amigas, a Reitora Jan Love e a Dra. Kim Cape. Vimos a necessidade de uma resposta colaborativa à situação complexa em que a igreja se encontra no que respeita à identidade LGBTQ e à unidade Cristã.

A alternativa à colaboração é a nossa prática habitual de vivermos em “silos”. Quando servia como pastor, ouvia frequentemente a palavra *silo* em reuniões administrativas. Certa noite, um membro leigo partilhou a definição do dicionário em relação à finalidade de um silo: manter o cereal puro. Os silos nascem frequentemente com a finalidade de dar proteção, mas podem levar ao isolamento e até mesmo à definição. No momento atual, há uma maior necessidade de uma fertilização cruzada de ideias. Dizemos frequentemente que valorizamos a diversidade, mas isto nem sempre inclui a diversidade cognitiva – estarmos dispostos a pensar de maneiras diferentes. E isto é imaginação.

No seu trabalho sobre doutrina e teologia, o meu professor Thomas Langford fez a seguinte distinção:

A doutrina reflete o entendimento da igreja; a teologia reflete o alcance da igreja. Para usar outra analogia: a doutrina é parte de uma catedral já concluída, a teologia exploratória é uma visão arquitetónica criativa e os esboços preliminares para uma possível nova construção.¹

As nossas formas habituais de estarmos juntos, como igreja e como academia, não estão a ser profícuas para nós. O final da desconstrução é, no fim de contas, um mundo destruído e uma igreja dividida. Existe uma maior necessidade de uma nova construção do que da desconstrução. A minha esperança para os frutos deste trabalho académico é que este irá abrir caminho a novas conversas, desenvolver amizades

¹ Thomas A. Langford, “Afirmção doutrinal e exploração teológica,” em *Doctrine and Theology in the United Methodist Church* (Doutrina e Teologia na Igreja Metodista Unida) (Nashville: Kingswood, 1991), 204.

entre novos parceiros de conversas, e servir o Conselho dos Bispos, a Comissão sobre um Caminho a Seguir, os delegados das próximas Conferências Gerais e a nossa igreja em sentido mais lato.

Seria absurdo tentar encontrar um caminho a seguir de forma separada da vida intelectual da igreja. E é por isso que nos reunimos na Universidade de Emory, para refletirmos sobre o contributo de estudiosos de um amplo espectro. Se estiver envolvido nesta conversa, a liderar um grupo de estudo, a servir uma congregação, ou a debater-se numa luta pessoal, também está a participar neste mesmo exercício intelectual.

Servi como pastor durante 28 anos. Lembro-me de um Domingo de Ramos numa dessas congregações. Após a conclusão do último serviço religioso, dois líderes pediram para falar comigo e descreveram o que tinha acontecido na sua turma da catequese dessa manhã. Os membros John e Mary (nomes fictícios) levantaram-se antes da aula e declararam: “O nosso filho é homossexual, nós amamo-lo, não gostamos da declaração da Igreja Metodista Unida sobre a sexualidade humana e vamos deixar a igreja”. Depois disso, foram embora. Os dois líderes olharam para mim e disseram: “Achamos que devia falar com o John e a Mary”.

Foi isso que fiz, nessa mesma tarde. Passei pela sua casa e convidaram-me a sentar com eles. Eu disse, simplesmente: “Estou aqui para ouvir”. E assim, durante uma hora, eles partilharam de formas pessoais e intensas. Depois disso, fez-se silêncio e a Mary perguntou-me: “O que é que quer dizer?” Eis a resposta que foi colocada na minha boca. Eu disse:

Em primeiro lugar, quero agradecer-lhes pela dádiva de vos escutar. E em segundo lugar, acho que não vão deixar a igreja. Acho que, se fossem deixá-la, já se teriam ido embora. Acho que ao fazer aquela declaração perante as pessoas que vos conhecem melhor, os vossos amigos, estavam a dizer: isto é quem nós somos, isto é importante para nós, e se vão conhecer-nos e amar-nos, isto é uma parte fundamental de quem somos. Penso que, com o passar do tempo, irão ajudar a turma a crescer, à medida que caminham juntamente com elas, e penso que elas vos ajudarão.

Naquele momento, isto não foi persuasivo. Mas depois disso, o John e a Mary marcaram sempre presença na sua turma. As relações foram-se aprofundando. E anos mais tarde, quando o John lutou contra uma doença e depois veio a falecer, a turma uniu-se à sua volta, de Mary e do seu filho, e deu-lhes o seu amor.

Partilho esta experiência pastoral convicto de que Deus nos pede para nos apoiarmos nas nossas diferenças e para ouvirmos mais atentamente as nossas convicções. Estamos a ser conduzidos dos nossos silos e das nossas divisões para a a colaboração criativa e, possivelmente, para uma nova construção.

Bispo Kenneth H. Carter Jr.
Moderador, Comissão sobre um Caminho a Seguir

Anexo A

Uma visão eclesial para a Igreja Metodista Unida

Charles M. Wood

A comunhão, cuja origem é a própria vida da Santíssima Trindade, é tanto a dádiva em que vive a Igreja como, ao mesmo tempo, a dádiva de que Deus chama a igreja para oferecer a uma humanidade ferida e dividida na esperança de reconciliação e cura.

—*A igreja: rumo a uma visão comum*

Necessitamos de formas de política consistentes com as nossas convicções essenciais; i.e. que honrem o radicalmente inclusivo âmbito da graça salvadora de Deus, que reconheçam e construam o carácter transformador dessa graça, que servem, em vez de subverter, o crescimento da comunidade genuína.

—*Admiração, Amor e Louvor*

A questão para a Igreja Metodista Unida, nesta conjuntura, é um paralelo local da questão que fomenta o debate ecuménico: Como é que poderemos encontrar e concretizar uma forma adequadamente diversificada de comunidade Cristã – que possa ser um modelo e uma inspiração para uma comunidade *humana* adequadamente diversificada?

—“Uma visão eclesial para a Igreja Metodista Unida”

Por decisão da Conferência Geral de 2016, um documento de estudo intitulado *Wonder, Love, and Praise: Sharing a Vision of the Church*, (Admiração, Amor e Louvor: Partilhando uma Visão da Igreja), preparado sob a égide do Comité de Fé e Ordem da Igreja Metodista Unida, será a base de um estudo que

abrangerá toda a igreja ao longo dos próximos quatro anos.¹ O meu objetivo no que se segue é destacar alguns dos que considero ser os principais pontos desse documento de estudo e oferecer algumas reflexões acerca do entendimento sobre a unidade da igreja – da igreja universal e da Igreja Metodista Unida em particular – que possam surgir de um envolvimento com o mesmo.

O Comitê de Fé e Ordem é algo relativamente novo, tendo sido formado pela Conferência Geral em 2008. Depois, foi inadvertidamente abolido pela Conferência Geral de 2012, reconstituído provisoriamente por ação do Conselho dos Bispos e restabelecido formalmente por decisão da Conferência Geral em 2016. A principal incumbência do comitê, segundo tenho entendido, era e continua a ser dupla: em primeiro lugar, realizar reflexão teológica em relação a questões de fé e ordem em nome da igreja; e em segundo lugar, incentivar e apoiar essa reflexão teológica por toda a igreja.²

Claro está, que o termo *fé e ordem* tem vindo a ser utilizado há mais de um século no movimento ecuménico, onde tem representado os dois elementos principais do objetivo ecuménico de unidade visível. Permitam-me recorrer à “lista resumida dos ‘sinais tangíveis da nova vida da comunhão’” do veterano ecuménico Michael Kinnamon: confissão partilhada da fé apostólica, reconhecimento mútuo de membros e ministérios, celebração partilhada da Eucaristia, a capacidade de reunir e tomar decisões em conjunto quando adequado, e a cooperação na missão.³ Assim, o próprio nome do comitê, implica

1 A legislação prática encontra-se na Resolução n.º 8007, “Estudo da Ecclesiologia”, *The Book of Resolutions of The United Methodist Church 2016* (O Livro das Resoluções da Igreja Metodista Unida) (Nashville: The United Methodist Publishing House, 2016), 676–77. O documento não é mencionado aí por nome, porque ainda não tinha sido traduzido nem disponibilizado nas línguas oficiais obrigatórias da Conferência Geral. Atualmente, a versão em inglês está disponível online em http://www.ouir.org/wp-content/uploads/2016/06/Wonder_Love_and_Praise_final.pdf, e as referências a passagens desse documento neste trabalho serão feitas segundo o número da linha nessa versão. Tanto o documento em si como um guia de estudo para o mesmo serão disponibilizados em www.umc.org/CFOWonderLovePraise. A esperança é que o documento será significativamente melhorado em função da reflexão e da resposta geradas durante o período do estudo.

2 *The Book of Discipline of The United Methodist Church 2016* (O Livro de Disciplina da Igreja Metodista Unida de 2016) (Nashville: The United Methodist Publishing House, 2016), ¶¶443–50.

3 Michael Kinnamon, “What Can the Churches Say Together about the Church?” (O que é que as igrejas podem dizer em conjunto sobre a igreja) *Ecclesiology* 8 (2012): 296, reimpresso na sua obra *Can a Renewal Movement Be Renewed?* (Um movimento de renovação pode ser renovado?) (Grand Rapids,

imediatamente e (penso eu) corretamente uma relação estreita entre as preocupações do Comitê de Fé e Ordem e daquele que é atualmente o Gabinete de Unidade Cristã e Relações Inter-Religiosas do Conselho dos Bispos. E simboliza um compromisso de longa data da Igreja Metodista Unida – de fazermos a nossa reflexão teológica, incluindo a nossa reflexão sobre a natureza e a missão da igreja, num contexto ecumênico.

Estas preocupações partilhadas também ajudam a explicar o motivo pelo qual o comitê, numa das suas primeiras tarefas, fez um grande esforço para articular uma compreensão teológica da igreja: uma eclesiologia Metodista Unida. Os teólogos e líderes de muitos ramos do Metodismo e mais além têm vindo a questionar, há muito tempo, se existe uma coisa chamada doutrina Metodista da igreja. A opinião maioritária, ao longo dos anos, parece ser que não, embora também exista um reconhecimento generalizado de que os Metodistas têm vários compromissos eclesiológicos – implícitos, se não explícitos. O comitê foi encarregue da tarefa de trazer estes compromissos à superfície, refletir sobre eles tendo em conta as atuais necessidades e possibilidades, e articular um entendimento Metodista Unido coerente da igreja para o nosso tempo.

Enquanto o comitê começava a realizar o seu estudo, a Comissão de Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas terminava o seu tão esperado “texto de convergência” sobre a doutrina da igreja, com o título *A Igreja: rumo a uma visão comum*.⁴ Isto significou que o trabalho do comitê Metodista Unido sobre o tema podia aproveitar esse feito e avançar nas conversas munido deste novo documento ecumênico. Uma vez que os membros de várias igrejas Metodistas de todo o mundo tinham estado profundamente envolvidos na elaboração da declaração do Conselho Mundial de Igrejas, não foi difícil

MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 2014), onde a passagem mencionada está na página 40; a citação interna é de *The Nature and Mission of the Church* (A natureza e a missão da igreja), Faith and Order Paper (Documento sobre a fé e a ordem) 198 (Genebra: Conselho Mundial de Igrejas, 2005), §32.

4 Faith and Order Paper No. 214 (Documento n.º 214 sobre a fé e a ordem) (Genebra: Conselho Mundial de Igrejas, 2014), disponível para transferir em <http://www.oikoumene.org/en/resources/documents/wcc-commissions/faith-and-order-commission/unity-the-church-and-its-mission/the-church-towards-a-common-vision>. Também está disponível na mesma localização em vários outros idiomas.

encontrar pontos de contacto, e estes influenciaram tanto a estrutura como o conteúdo deste documento de estudo.

Tal como os leitores destas páginas irão reconhecer, o título “Wonder, Love, and Praise” (Admiração, Amor e Louvor) tem origem numa linha do hino de Charles Wesley “Love Divine, All Loves Excelling” (Solo excelso, amor divino):

Terminai, então, a vossa nova criação;
deixai-nos ser puros e sem mácula.
Deixai-nos ver a vossa grande salvação perfeitamente restaurada em vós;
mudados de glória para glória,
até tomarmos o nosso lugar no céu,
até depositarmos as nossas coroas aos vossos pés,
perdidos em admiração, amor e louvor.⁵

Wesley parece ter retirado essa linha “perdidos em admiração, amor e louvor” de um hino da autoria do seu contemporâneo, o poeta e ensaísta inglês Joseph Addison.⁶ *Wonder, Love, and Praise* (Admiração, Amor e Louvor) é também o título de um hinário adicional publicado pela Igreja Episcopal nos Estados Unidos há cerca de 20 anos atrás,⁷ e a frase tem aparecido nos títulos de vários outros trabalhos ao longo dos anos, tal como seria de esperar. No entanto, o que a torna particularmente adequada a este caso é a forma como representa uma forma Wesleyana e Trinitária de entender o sentido da vida. Noutro hino, Charles Wesley escreve que nós, as criaturas humanas, somos chamados a ser “transcrições da Trindade”.⁸ Através de uma espécie de participação enquanto criaturas na vida do Deus triuno, estamos

5 *The United Methodist Hymnal* (O Hinário Metodista Unido) (Nashville: The United Methodist Publishing House, 1989), n.º 384.

6 “Quando todas as tuas bênçãos, Oh meu Deus, / a minha alma em ascensão vê, / transportado pela visão, Fico perdido / em admiração, amor e louvor.” Joseph Addison, “Hymn on Gratitude to the Deity” (Hino sobre a gratidão à divindade) em *The poetical works of the Right Honourable Joseph Addison, Esq.* (A obra poética de Joseph Addison) (Glasgow: np, 1750), 198.

7 *Wonder, Love, and Praise: A Supplement to the Hymnal 1982* (Admiração, Amor e Louvor: um suplemento ao hinário 1982) (Nova Iorque: Church Publishing, 1997).

8 “Sinners, Turn: Why Will You Die,” (Pecadores, olhai: porquê ireis morrer) *The United Methodist Hymnal* (O Hinário Metodista Unido) (Nashville: The United Methodist Publishing House, 1989), n.º 346.

destinados à admiração, ao amor e ao louvor. Conforme afirmou John Wesley num dos seus sermões, os seres humanos são “criados à imagem de Deus, e concebidos para saber, amar e desfrutar o [seu] Criador para toda a eternidade.”⁹ Esse é o nosso principal propósito. Esse é o chamamento, a vocação que Jesus Cristo nos revela, e que o Espírito Santo nos capacita para aceitarmos.¹⁰ E é desta realidade que a igreja deve ser sinal e serva.

A estrutura do documento do estudo está dividida em três partes. Na primeira parte, identifica alguns pressupostos Wesleyanos ou Metodistas para uma doutrina da igreja. Nessa parte, fala de três convicções distintas que moldam o pensamento Metodista Unido sobre a igreja. Depois, na segunda parte, estas três convicções são relacionadas com os três temas fundamentais no documento ecumênico *A igreja: rumo a uma visão comum*, trazendo para a conversa a nossa herança em particular enquanto Metodistas Unidos, no âmbito do debate ecumênico mais alargado. Essencialmente, estas duas partes descrevem a visão da igreja que nos é proposta. A terceira parte centra-se em três perguntas que surgiram desta exploração, relacionadas com a nossa prática atual e futura enquanto igreja.

1.

As três convicções distintas identificadas na primeira parte são: que o amor salvador de Deus se destina a todas as pessoas e não só a alguns eleitos; que é um amor transformador; e que é um amor que cria comunidades. Para amplificar um pouco, citando o documento (linhas 158–206):

O amor salvador de Deus é para todas as pessoas: “Deus nosso Salvador... deseja que todos sejam salvos e conheçam a verdade” (1 Timóteo 2:4). O comentário de John

9 John Wesley, “God’s Approbation of His Works” (Aprovação de Deus das Suas Obras), em *Sermons II* (Sermões II), ed. Albert C. Outler, vol. 2 da *The Bicentennial Edition of the Works of John Wesley* (Edição bicentenária das obras de John Wesley) (Nashville: Abingdon Press, 1985), 397.

10 Charles M. Wood, “Methodist Doctrine: An Understanding” (Doutrina metodista: um entendimento), em *Love That Rejoices in the Truth: Theological Explorations* (O amor que rejubila com a verdade: explorações teológicas) (Eugene, OR: Cascade Books, 2009), 1–22.

Wesley a esta afirmação nas suas *Notas Explicativas sobre o Novo Testamento* enfatiza que são “todos”: *toda* a humanidade está abrangida por este desejo — “Não só uma parte, e muito menos a parte menor.” Observa também outra implicação da afirmação: “Eles não são obrigados.”¹¹ A graça de Deus estendida a todos não se sobrepõe à liberdade humana, mas sim atua sobre ela, para que a nossa salvação, embora completamente uma oferta, envolva a nossa livre participação. Estes dois pontos acerca da universalidade do amor salvador de Deus são repetidos ao longo dos seus escritos e personificados no seu ministério. Foram essenciais para a compreensão de Wesley do evangelho e do poder do movimento que ele inspirou. Continuam a ser uma parte vital da afirmação Metodista Unida.

O amor de Deus é transformador: Para usar a linguagem familiar a Wesley e aos seus contemporâneos, como a graça de Deus é aceite na fé, aporta tanto “justificação”, a restauração de uma relação de direito com Deus, como “santificação”, a renovação do nosso próprio ser. Existe um novo nascimento. O amor de Deus *por* nós transforma-se no amor de Deus *em* nós. Nas palavras do apóstolo S. Paulo, “Para a liberdade Cristo nos fez livres” (Gálatas 5:1), e sendo “chamados para a liberdade” devemos “viver pelo Espírito”, o que significa viver segundo o amor de Deus que nos capacita para pôr de lado “as obras da carne” e dar “o fruto do Espírito... amor, alegria, paz, paciência, generosidade, fidelidade, doçura e autocontrole” (Gálatas 5:13, 16, 19, 22). Uma característica da pregação de John Wesley, e da pregação e do testemunho das pessoas chamadas Metodistas através dos anos é que uma transformação tão experimentada, aqui-e-agora da vida humana pelo poder do Espírito Santo é real.

O amor de Deus cria a comunidade: A transformação acabada de descrever é pela sua própria natureza uma transformação das nossas relações com os outros. É através dos outros que sentimos o amor de Deus, é com os outros que o padrão da nova vida que Deus nos dá é aprendida e ao mesmo tempo vivida... A igreja existe porque o Espírito de Deus nos conduz à comunidade, talvez com as pessoas com quem menos esperaríamos associar-nos... Wesley e aqueles que lhe eram próximos encontraram-se a movimentar-se para além das normas estabelecidas do comportamento da igreja, e desafiando a própria igreja, com o seu exemplo, para adotar mais completamente a dádiva da comunidade de Deus. Foi então que o termo “conexão” assumiu uma nova sonoridade de significado, à medida que aquilo que Wesley apelidou de “santidade social” – o crescimento em amor e nos outros frutos do Espírito que é possível apenas em comunidade – era posto em prática em novas situações e cenários.

Juntas, estas convicções moldam o nosso entendimento Metodista Unido do que a igreja deve ser. As maneiras como elas se têm vindo a expressar na nossa história respondem em parte pelos nossos modos particulares de sermos a igreja, no âmbito do maior Corpo de Cristo.

A história de como se vieram a expressar foi, conforme aponta o trabalho, “uma história de acontecimentos e insucessos por vezes complexos e muitas vezes ambíguos, de crescimento e perda, separações e uniões, nos últimos dois séculos (e mais) – uma história muito humana, na qual (como os

11 John Wesley, *Explanatory Notes upon the New Testament* (Notas explicativas sobre o Novo Testamento) (Londres: The Epworth Press, 1950), 775.

seus participantes gostariam de testemunhar) Deus tem estado firmemente a trabalhar no seio, e apesar, dos planos, das decisões e das ações dos humanos (linhas 258–61). *Admiração, Amor e Louvor* oferece um breve retrato de alguma da nossa história denominacional e dos nossos esforços ecuménicos para ilustrar este ponto. É extremamente importante, se queremos ter qualquer entendimento teológico sobre a igreja que valha a pena, que reconheçamos essa ambiguidade; que reconheçamos, por exemplo, o racismo, o nacionalismo e o cativo cultural que caracterizaram o nosso percurso, bem como as formas como por vezes fomos conduzidos e capacitados para lhes resistir e para os ultrapassar.

2.

Na segunda parte do trabalho, estas três convicções são relacionadas com três temas no recente texto de convergência do Conselho Mundial de Igrejas, *A igreja: rumo a uma visão comum*. Aqui, são abordadas numa ordem diferente, começando pela afirmação de que o amor salvador de Deus cria a comunidade. Este reordenamento permite um reconhecimento de que o texto ecuménico começa com o poder do amor de Deus, que forma a comunidade, relacionando isto diretamente com a missão da igreja. O primeiro parágrafo do se primeiro capítulo, intitulado “A missão de Deus e a unidade da igreja”, afirma:

A Igreja, como o corpo de Cristo, age pelo poder do Espírito Santo para continuar a sua missão que dá vida, num ministério profético e compassivo, participando assim no trabalho de Deus, de curar um mundo despedaçado. A comunhão, cuja origem é a própria vida da Santíssima Trindade, é tanto a dádiva em que vive a Igreja como, ao mesmo tempo, a dádiva de que Deus chama a igreja para oferecer a uma humanidade ferida e dividida na esperança de reconciliação e cura. (1, página 5)

Citando a “Grande Comissão” de Mateus 28:18-20, comenta em seguida:

Esta ordem de Jesus já deixa antever o queria que a sua Igreja fosse, para levar a cabo esta missão. Deveria ser uma comunidade de testemunho, proclamando o reino que Jesus tinha proclamado originalmente, e convidando os seres humanos de todas as nações para a fé salvadora. Deveria ser uma comunidade de oração, iniciando novos membros através do batismo, em nome da Santíssima Trindade. Deveria ser uma comunidade de discipulado, em que os apóstolos, através da proclamação da Palavra, do batismo e da celebração da Ceia do Senhor, deveriam levar os novos crentes a cumprir tudo o próprio Jesus tinha ordenado.

Os Metodistas podem rever-se em tudo isto, conforme reflete o nosso próprio documento, que faz algumas referências aos ensinamentos de John Wesley, aos hinos de Charles Wesley, e à nossa liturgia

comum para a Sagrada Comunhão.

O nosso texto de estudo passa, em segundo lugar (linhas 445ff), para a convicção de que o amor salvador de Deus se destina a todos. Isto leva a um breve resumo, com o contributo do debate ecuménico, acerca dos diferentes sentidos e definições de “igreja”, e a uma exploração das diferentes formas em que se pode dizer que as pessoas estão a participar na *koinonia*, a comunhão, criada pelo Espírito. Leva a essa exploração porque podemos questionar, tal como John Wesley o fez: se Deus quer que todos sejam salvos, então “porque [é que] o Cristianismo... não está tão espalhado como o pecado?”¹²

É usada aqui uma distinção que, no futuro, poderá muito bem vir a ter um papel de maior relevo no pensamento acerca da igreja. Trata-se de uma distinção não entre duas igrejas, mas sim entre dois *aspectos* da igreja: a igreja como a *comunidade da salvação* e a igreja como a *comunidade de testemunho*. Tal como sabemos, a igreja é chamada a ser ambas: uma comunidade onde as pessoas vivem a vida na plenitude e uma comunidade em que os membros têm a missão de ser as testemunhas de Cristo no mundo.

Mas, tal como John Wesley, na Igreja Metodista Unida não temos motivos para acreditar ou ensinar que a graça salvadora de Deus não se pode estender para além das igrejas que conhecemos. Por conseguinte, o texto do estudo trabalha em torno dessa distinção, para sugerir que poderá haver um aspeto “eclesiástico” na vida das pessoas que estão fora daquela que por vezes é designada de igreja “visível” e que estão a responder positivamente à graça de Deus. É “eclesiástico” no sentido em que estão a ser atraídas para a comunhão com Deus e com os seus semelhantes, uma vez que a graça de Deus tem um carácter inerente de formação de comunidade, apesar de não fazerem (ou ainda não fazerem) parte da comunidade explícita de testemunho. Esta possibilidade tem implicações para (entre outras coisas) a forma como nós, que nos chamamos Cristãos, podemos ver os nossos vizinhos que não são Cristãos, bem como as tradições religiosas e as comunidades às quais muitos deles pertencem. E pode ajudar-nos a obter

12 Wesley, “The Imperfection of Human Knowledge” (A imperfeição do conhecimento humano) *Works* (Obras), 2:581.

alguma clarificação sobre a nossa própria missão específica na qualidade de igreja “visível”: ser sinal e serva do trabalho redentor e criador de comunidade que o Deus triuno faz no mundo. O que isto significa para a nossa prática depende das nossas circunstâncias específicas, e claro que estas variam consideravelmente de um lugar para outro.

O que é que nos guia à medida que procuramos concretizar essa missão? Esta pergunta leva-nos à terceira convicção distintamente Wesleyana mencionada anteriormente no texto – a de que o amor salvador de Deus é transformador – e à sua contraparte no tratamento dado pelo documento ecuménico à forma como a igreja deve servir como signo e serva do trabalho de Deus, de restabelecer os seres humanos para a sua vocação. Não é de estranhar que isto esteja relacionado com a fé, a esperança e o amor. Uma forma de abordar isto – muito Wesleyana – é através do tema tradicional do “tríplice ofício” de Cristo, as três dimensões ou aspetos do seu trabalho salvador: na linguagem tradicional, como profeta, sacerdote e rei. O ofício profético está relacionado com o facto de nos levar a conhecer a verdade; o ofício sacerdotal está relacionado com o facto de reparar a nossa relação com Deus; e o ofício real ou régio está relacionado com o facto de nos orientar e capacitar através da plenitude da vida em comunidade. A igreja, através da sua proclamação da Palavra, da sua celebração dos sacramentos, e da ordenação da sua vida em comum, presta testemunho daquilo que Deus fez e está a fazer através de Jesus Cristo e do poder do Espírito Santo. É desta forma que os nossos Artigos de Religião e Confissão da Fé afirmam as definições clássicas da Reforma da igreja visível de Cristo – e também encontram muitos pontos em comum com outras correntes da tradição Cristã, para que juntos possamos entender a igreja como “uma comunidade de testemunho,... uma comunidade de oração,... [e] uma comunidade de discipulado” (linhas 652ff.).

Admiração, Amor e Louvor apela a que reconheçamos nesta conexão que (nas palavras da Confissão de Westminster) “esta igreja visível, por vezes tem sido mais visível, e outras menos” (linhas 569ff.). A visibilidade que está aqui em causa tem pouco a ver com a quantidade de imóveis que uma igreja específica detém, com a dimensão da sua lista de membros ou do seu orçamento, ou com a imponência da sua arquitetura. Ao invés disso, tem a ver com a medida em que esta comunidade

específica, nas suas circunstâncias específicas, está a mostrar o amor que rejubila na verdade (1 Coríntios 13:6): ou seja, em que medida é verdadeiramente a comunidade do testemunho, da oração e do discipulado que diz ser.

A segunda parte do documento aborda outros temas que sou obrigado a deixar de lado nesta análise resumida. Por exemplo, contém alguns elementos para uma teologia básica do ministério e da liderança ministerial. Também contém alguma reflexão sobre o útil tratamento da diversidade na igreja presente no documento ecuménico – “A diversidade legítima na vida da comunhão é uma dádiva do Senhor”, que o documento afirma (28, página 16) – bem como sobre algumas das nossas dificuldades em relação a essa dádiva (linhas 599ff). Embora adiante se dedique mais atenção a este aspeto, esta análise das primeiras duas partes de *Admiração, Amor e Louvor* termina regressando brevemente ao tema da ambiguidade que mencionei anteriormente.

Num livro recente e bem acolhido sobre a eclesiologia, intitulado *Church, World and the Christian Life* (A igreja, o mundo e a vida cristã), Nicholas M. Healy lamenta o facto de tantas propostas de entendimentos teológicos da igreja serem aquilo que chamou de “eclesiologias de modelo”.¹³ Parecem muito atraentes no papel, mas não consideram adequadamente a situação no terreno. Lembro-me da frase de Francis Bacon, escrita há cerca de 400 anos atrás, sobre os “filósofos” que “criam leis imaginárias para comunidades imaginárias; e os seus discursos são como as estrelas, que dão pouca luz porque estão tão distantes”.¹⁴ Poderíamos ficar facilmente com uma eclesiologia de modelo, se nos contentássemos com a afirmação de que a igreja é a dádiva de Deus, e negássemos implicitamente, ou pelo menos não abordássemos, o facto de ser também a nossa criação. Quando recebemos a dádiva e nos apropriamos dela – *apropriar-se* de algo significa “tornar algo seu” – moldamo-la de acordo com os nossos próprios usos,

13 Nicholas M. Healy, *Church, World and Christian Life: Practical-Prophetic Ecclesiology* (Igreja, mundo e vida cristã: eclesiologia prática-profética (Cambridge: Cambridge University Press, 2000), 32–49 passim.

14 Citado em L. C. Knights, *Explorations* (Explorações) (Nova Iorque: New York University Press, 1964), 115.

sendo que também nos moldamos de acordo com ela. *Fazemos uso da igreja* de diversas formas; e estes usos humanos merecem a nossa reflexão e o nosso estudo ponderado. Confirme afirma o nosso texto (linhas 416–26):

Como noutras tradições religiosas e comunidades, as igrejas cristãs servem uma variedade de necessidades e finalidades humanas, em modos que variam muito de um local para outro. Servem normalmente as necessidades humanas de ordem, coerência, estabilidade, reforço na crença, companheirismo, orientação ética, etc. São sempre afetadas por maneiras típicas de os seres humanos interagirem na satisfação dessas necessidades. São também aplicadas ao serviço dos seus interesses da parte tanto dos seguidores como dos “estranhos”, por exemplo, feitas para servir fins políticos e económicos particulares. Ninguém conhecedor da história das igrejas cristãs dos primeiros séculos em diante pode não deixar de conhecer este entrelaçar complexo de necessidades humanas, desejos, ambições e receios nessa história. Às vezes é muito mais fácil reconhecer aqueles elementos na vida da igreja noutra local e tempo qualquer do que o seu próprio.

Esta ambiguidade, tão evidente na nossa própria história e experiência atual, é bem descrita por outro escritor recente, que comenta que

a igreja é uma instituição divina-humana. O Espírito está misturado nela, e não sabemos qual é o seu aspeto até que se encontra diante de nós. Ninguém inventou a... igreja, e ninguém a teria inventado na forma para a qual evoluiu. É claro que não poderia ter surgido sem construtores, pelo que existiu e continua a existir muita coisa nela que é humana – por vezes para o bem e outras vezes não. Mas o Senhor também constrói a casa.¹⁵

A igreja é a dádiva do Deus triuno. Está inerente na dádiva da graça salvadora, a graça que é oferecida a todos, que nos leva à comunidade com o Deus triuno e outras criaturas humanas, e que, ao fazê-lo, transforma a nossas vidas, para que possamos aprender a viver no amor, na verdade, na alegria e na ação de graças. Afinal de contas, sermos discípulos é sermos aprendizes – é esse o significado da palavra em si. Como discípulos de Jesus Cristo, que é “o caminho, a verdade e a vida”, somos chamados e capacitados para recuperarmos a nossa vocação humana de vivermos em admiração, amor e louvor, e ao fazê-lo, testemunharmos junto dos outros que existe essa possibilidade: ajudarmos os outros a se tornarem

15 Paul Valliere, *Conciliarism: A History of Decision-Making in the Church* (Conciliarismo: uma história da tomada de decisão na igreja) (Cambridge: Cambridge University Press, 2012), 69.

também aprendizes, a aceitar o seu jugo e a aprender com ele. Deste modo, a igreja é simultaneamente uma escola de sabedoria e uma comunidade de testemunho.

Mas ao afirmar isto, devemos também ter em mente as implicações do facto de “a igreja ser tanto uma realidade divina como humana”. “Trata-se da *dádiva de Deus* para nós, mas é a dádiva de Deus *para nós*, e temos a liberdade e a responsabilidade inerentes a sermos os beneficiários dessa dádiva.

3.

A terceira e última parte de *Admiração, Amor e Louvor* debruça-se sobre algumas perguntas que considero relevantes para a reflexão sobre as questões que temos diante aqui e agora.

Em primeiro lugar, como poderíamos caracterizar o papel particular da Igreja Metodista Unida dentro da “Igreja Universal”? A que nicho pertencemos na ecologia eclesiástica? Em segundo lugar, que perceções poderia a nossa participação na discussão ecuménica gerar para lidar de maneira mais construtiva e eficaz com os problemas vexatórios que rodeiam a “legítima diversidade”, quer na medida em que afetam a nossa própria vida na Igreja Metodista Unida, quer nas nossas relações com outras comunidades cristãs? Em terceiro lugar, como poderia uma visão eclesiástica renovada informar as nossas deliberações acerca da nossa política—i.e., sobre como estruturamos a nossa vida em comum ao serviço da nossa missão? (linhas 823–30)

Em relação à primeira pergunta, o trabalho propõe três marcadores da identidade Metodista Unida. Estes marcadores não são exclusivos da nossa tradição, e claro está que a medida em que conseguimos efetivamente colocá-los em prática é outra questão, mas parecem ser coisas pelas quais gostaríamos de ser conhecidos. Um (linhas 849ff.) tem a ver com o âmbito da graça, em ambos os sentidos do termo *âmbito*: ou seja, a *medida* da graça de Deus (oferecida a todos, e não apenas a alguns privilegiados), e o seu *objetivo*, ou seja, aquilo que se destina a alcançar (a nossa renovação plena à imagem de Deus, o que o Evangelho de João designa de “plenitude da vida” para todas as criaturas de Deus). A visão da igreja proposta nas primeiras duas partes do trabalho está, sem dúvida, de acordo com este marcador.

Um segundo marcador da identidade Metodista Unida (linhas 890ff.) tem a ver com a característica da política e do etos que associamos com o termo *conexionalismo*, o que é abordado adiante de forma mais detalhada.

O terceiro marcador indicado é (linhas 911ff.)

um compromisso em relação à *reflexão teológica* como tarefa de toda a igreja. A presença no *Livro de Disciplina* não só de normas doutrinárias, mas também de uma declaração da “nossa tarefa teológica” indica a importância deste compromisso. Note-se que a *reflexão teológica* não *substitui* as normas doutrinárias; precisamos e afirmamos ambas.

“A tarefa teológica”, diz a *Disciplina*, “apesar de relacionada com as expressões doutrinárias da Igreja, serve uma outra função. As nossas afirmações doutrinárias ajudam-se a discernir a verdade Cristã nos contextos em constante mudança. A nossa tarefa teológica inclui os ensaios, a renovação, a elaboração e a aplicação da nossa perspectiva doutrinária na execução do nosso chamamento ‘para espalhar a santidade das escrituras sobre essas terras.’”¹⁶

Pelo seu próprio carácter e conteúdo, as nossas normas doutrinárias não só permitem mas exigem o tipo de compromisso responsável e crítico descrito em “A Nossa Tarefa Teológica”. O nosso trabalho teológico deve ser “crítico e construtivo”, “tanto individual como comunitário”, “contextual e encarnacional” e “essencialmente prático”.¹⁷

Este tipo de trabalho teológico pertence a todas as entidades e indivíduos responsáveis no seio da igreja.

Em relação à segunda das nossas perguntas, “que percepções poderia a nossa participação na discussão ecuménica gerar para lidar de maneira mais construtiva e eficaz com os problemas vexatórios que rodeiam a ‘legítima diversidade’, quer na medida em que afetam a nossa própria vida na Igreja Metodista Unida, quer nas nossas relações com outras comunidades cristãs?” temos aqui uma passagem pertinente do texto do estudo (linhas 935-46):

Deve dizer-se que o nosso problema não é o conflito. O nosso problema é a maneira como por vezes lidamos com o conflito. Far-nos-ia bem recordar que o conflito é um “dado” na igreja. É de se esperar. Podem surgir discordâncias que criam conflitos em relação a (para usar a linguagem Wesleyana) “o que ensinar, como ensinar e o que fazer”.¹⁸ Imbuídas e acompanhadas destas discordâncias podem haver outras dificuldades, às vezes ocultas ou desconhecidas, que também levam a tensões: antagonismos oriundos de histórias complexas e relações de pessoas e grupos envolvidos, diferenças sobre valores políticos ou culturais, lutas pela posse e uso do poder, etc. Diferentes origens e variedades de conflitos podem estar inter-relacionadas em qualquer situação. Dada a variedade dos usos humanos da igreja, pode suceder que o conflito sobre um problema

16 *Book of Discipline 2012* (Livro de Disciplina 2012), ¶105 (p. 78). [Citação no original.]

17 *Book of Discipline 2012* (Livro de Disciplina 2012), ¶105 (pp. 79–80). [Citação no original.]

18 *The Methodist Societies: The Minutes of Conference* (As sociedades Metodistas: a ata da conferência), ed. Henry D. Rack, vol. 10 da *The Bicentennial Edition of the Works of John Wesley* (Edição bicentenária das obras de John Wesley) (Nashville: Abingdon Press, 2011), 778.

seja promovido ou explorado por pessoas ou grupos como meio de concretizar um outro objetivo ou satisfazer outras necessidades. O conflito é tão complexo como comum.

O trabalho refere que o facto de termos juízos divergentes sobre questões importantes pode ser bom e produtivo, se nos levar a partilhar as nossas experiências e perspectivas de formas que gerem um novo entendimento – um entendimento que ultrapasse aquilo que qualquer um de nós possa ter levado para a conversa. Deste modo, a diferença é um valor e não devemos dar primazia ao evitar dos conflitos. Ao invés disso, devemos mostrar ao mundo como os conflitos podem ser explorados de forma ponderada e numa atmosfera de respeito mútuo, como uma oportunidade de crescimento. Nicholas Lash, o teólogo inglês da Igreja Católica Romana, conta a história de um padre de uma paróquia, que certo dia fez o seguinte comentário acerca de uma paróquia vizinha: “Têm tão pouca caridade naquele lugar, que nem sequer conseguem discordar uns dos outros”.¹⁹ Pobre da igreja de quem se possa fazer tal afirmação, quer se trate de uma congregação local ou de uma denominação.

É especialmente relevante para a situação de uma igreja que se alargou para muitas culturas e contextos diferentes – tal como a de Nicholas Lash, ou a nossa própria igreja – o facto de, tal como afirma o nosso documento (linhas 961ff.),

algumas diferenças dentro da igreja ajudam a igreja na sua missão para um mundo diversificado. Novas tecnologias surgem para possibilidades nunca antes imaginadas; novas alterações ao conhecimento, ao que conhecemos de nós mesmos e do mundo em que vivemos. Quando a igreja se vê confrontada com uma nova situação e pondera a sua resposta, é bom ter uma amplitude de experiências e perspectivas à mão. Compreender e respeitar as diferenças entre uns e outros e como podem contribuir para a concretização da missão da igreja é, em si mesmo, uma forma de partilha, e algo como o padrão ecuménico da “convergência”, na qual as diferenças ficam no meio de uma unidade mais profunda e enriquecedora, é uma experiência ansiada.

No entanto, o que fazer quando enfrentamos diferenças inevitáveis que parecem ameaçar essa unidade mais profunda e enriquecedora – quando parecemos ter em mãos uma situação que vai para além da

19 Nicholas Lash, “The Church—A School of Wisdom?” (A igreja – uma escola de sabedoria) em *Receptive Ecumenism and the Call to Catholic Learning* (Ecumenismo recetivo e o chamamento à aprendizagem católica), ed. Paul D. Murray (Oxford: Oxford University Press, 2008), 72.

“diversidade legítima”? Nesse ponto, antes do mais o nosso documento do estudo diz (linhas 987–92):
mais devagar.

Uma consideração importante nesta ligação é que podemos não estar ainda numa posição de ajuizar responsabilmente este assunto. Podemos não saber tudo o que precisamos de saber. Podemos não dispor de todos os recursos conceptuais. Podemos não ter a maturidade espiritual para ver o que precisa de ser visto. Podemos até nem saber colocar-nos as questões. Podemos, em resumo, ter de ganhar alguma humildade intelectual e emocional, e cultivar algumas disposições que permitiriam aumentar a nossa sabedoria.

Também é possível que estejamos a sucumbir a uma tendência muito humana de bloquear e rejeitar as próprias coisas de que precisamos. Regidos, de forma ciente ou inconsciente, pelos nossos medos ou pelos nossos próprios interesses, podemos ao invés disso prosseguir estratégias que irão subverter a compreensão mútua e criar uma separação mais profunda, ou até mesmo alienação. Em relação a este ponto, o nosso trabalho recorre a alguns conselhos familiares de John Wesley, do seu sermão sobre o “Espírito Católico” e da sua introdução aos seus *Standard Sermons* (Sermões Padrão) (linhas 993–1035). Mas tais conselhos apenas são eficazes quando são recebidos e levados a sério. Talvez precisemos de avançar mais um passo.

Os conselhos Wesleyanos citados no documento do estudo – como por exemplo, a sua observação de que podemos ter a certeza de estarmos equivocados em, pelo menos, parte do que consideramos verdade, mas podemos não saber exatamente *qual* é essa parte – chegaram a Wesley, direta ou indiretamente, a partir de alguns escritores ingleses protestantes do século XVII. Alguma da sua sabedoria foi compilada e publicada para benefício dos Metodistas na América pelo Bispo Francis Asbury em 1792, sob o título *The Causes, Evils, and Cures of Heart and Church Divisions* (As causas, males e curas das divisões no coração e na igreja).²⁰ Esta obra foi composta a partir de seleções dos trabalhos de dois líderes puritanos, Jeremiah Burroughs e Richard Baxter, que juntamente com vários dos seus colegas

20 Francis Asbury, *The Causes, Evils, and Cures of Heart and Church Divisions: Extracted from the Works of Mr. Richard Baxter, and Mr. Jeremiah Burroughs* (As causas, males e curas das divisões no coração e na igreja: retirado das obras do Sr. Richard Baxter e do Sr. Jeremiah Burroughs) (Filadélfia: Impresso por Parry Hall, 1792). O livro foi reeditado frequentemente no século XIX e, mais recentemente, foi reproduzido nos formatos eletrónico e impresso. A editora Abingdon Press disponibilizou uma “edição de estudo” de paráfrases abreviada em 2016, antes da Conferência Geral.

na Grã-Bretanha e na América do Norte, estiveram de algum modo relacionados com o eventual desenvolvimento daquilo que viemos a chamar “denominações”. Para estes líderes do século XVII, que consideravam a perspectiva de se separarem (ou serem separados) da Igreja de Inglaterra estabelecida, era fundamental reconhecer que a nossa própria igreja faz parte da igreja universal, mas não toda a igreja, e que apenas Deus conhece o âmbito da verdadeira igreja. Acreditavam que estavam certos ao agir segundo as suas próprias convicções, mas, o que é importante, “estavam cientes de que podiam estar errados”.²¹ E assim, ao invés de considerar todas as outras igrejas como faltas e cismáticas, manifestaram a esperança de aprender com elas. Tal como um desses grupos escreveu àqueles de quem se tinha separado recentemente: “Vemos tantos motivos para suspeitar da integridade dos nossos próprios corações como dos vossos; tanto mais que conhecemos melhor a falsidade dos nossos próprios corações do que dos vossos... o que nos faz aceitar e receber, com grande reverência, toda a luz que Deus nos queira transmitir através de vós.”²²

Estes líderes acreditavam que as diferenças entre os Cristãos podem, na verdade, ser usadas por Deus para nos fazer chegar a uma compreensão mais completa da verdade. Ao descrever estes desenvolvimentos, um historiador comentou, de forma correta e crucial: “É evidente que esta não é uma doutrina da relatividade no que respeita à verdade em si; a relatividade é em termos da perceção da verdade de cada quem.”²³ A aplicação destas perspectivas à forma como lidamos não só com as diferenças entre as igrejas, mas também com as diferenças no seio da própria comunidade da nossa igreja, poderá ser uma das nossas tarefas mais prementes.

21 Winthrop S. Hudson, “Denominationalism as a Basis for Ecumenicity: A Seventeenth Century Conception” (O denominacionalismo como base para a ecumenicidade: uma conceção do século XVII) *Church History* (História da Igreja) 24 (1955): 36.

22 *An Apologetical Narration* (Uma narração apologética) (1643), citado em Hudson, “Denominationalism as a Basis” (O denominacionalismo como base...), 35.

23 Hudson, “Denominationalism as a Basis” (O denominacionalismo como base...), 40.

Isto leva-nos, naturalmente, à terceira das perguntas feitas na parte final do documento do estudo: Como poderia uma visão eclesial renovada informar as nossas deliberações acerca da nossa política – isto é, sobre como estruturamos a nossa vida em comum ao serviço da nossa missão? *Admiração, Amor e Louvor* (linhas 1056ff.) observa:

[A política de uma igreja] tem a ver com o modo como a igreja ordena a sua própria vida responsabilmente para cumprir o seu chamamento... O modo como a igreja ordena a sua própria vida é em si mesmo um aspeto do seu testemunho ao mundo. Quando esta política permitir e manifestar uma abertura ao poder que forma a comunidade do Espírito Santo, quando servir o mandato da igreja “para manter a unidade do Espírito no laço da paz” (Efésios 4:3) com esse poder e clareza para trazer à humanidade um novo entendimento das possibilidades para uma vida proveitosa, então terá cumprido o seu propósito.

Como Metodistas Unidos, “necessitamos de formas de política consistentes com as nossas convicções essenciais: isto é, que honrem o radicalmente inclusivo âmbito da graça salvadora de Deus, que reconheçam e construam o carácter transformador dessa graça, e que sirvam, em vez de subverter, o crescimento da comunidade genuína” (linhas 1091–95).

Não se trata de uma tarefa fácil. No seu breve comentário sobre esta questão (linhas 1095ff.), *Admiração, Amor e Louvor* faz referência à utilização Metodista da “conferência” como um recurso. Talvez seja adequado referir o outro conceito Wesleyano consagrado que foi mencionado anteriormente, o do *conexionalismo* – ainda que brevemente. Um problema é que não existe um conceito único de conexionalismo; ou talvez seja mais preciso dizer, existem muitos conceitos do mesmo.²⁴ A utilização Metodista do termo *conexão* surgiu no século XVIII, decorrendo do facto de que determinadas sociedades religiosas na Grã-Bretanha eram nesse momento consideradas legítimas ou lícitas caso fossem supervisionadas, ou estivessem “em conexão com” um clérigo Anglicano. Uma vez que John Wesley era um clérigo Anglicano idóneo, as sociedades Metodistas foram criadas para estar em conexão com ele, e ele insistiu veementemente neste ponto. Como qualquer pessoa familiarizada com o estilo de liderança de

24 Russell M. Richey dedicou muito esforço à resolução desta problemática. Consulte, por exemplo, a sua obra *Methodist Connectionalism: Historical Perspectives* (Conexionalismo Metodista: Perspectivas Históricas) (Nashville: Junta Geral de Educação Superior e Ministério, 2009).

John Wesley poderia confirmar, na sua época a palavra *conexão* não tinha imediatamente algumas das conotações que viemos a associar com ela – de interdependência, mutualidade, consulta, partilha de poder, e assim por diante. Significava sobretudo estar sob a direção de Wesley, ou das pessoas nomeadas por ele. Tinha, e para muitas pessoas ainda tem, fortes conotações de autoridade centralizada, de uma cadeia de comando eficaz. Pode haver alguma tensão com as outras conotações acima mencionadas, embora se deva admitir que existe tensão em relação a praticamente todas as disposições que envolvam a autoridade.

Admiração, Amor e Louvor sugere que a “‘conciliaridade’ é um termo relacionado (embora não seja sinónimo) no debate ecuménico” em relação ao significado que o conexionalismo veio a assumir para nós. Essa não é uma ideia nova. Vários teólogos ecuménicos – e não só Metodistas – reconheceram uma afinidade entre a forma como os Metodistas vieram a falar da conexão (como uma “rede de relações”) e o pensamento conciliar.²⁵ A conciliaridade tem a ver com as formas como as igrejas Cristãs locais, ou grupos delas, se relacionam umas com as outras diretamente, ou através de reuniões de representantes, para aprenderem umas com as outras e, pontualmente, para tomarem decisões sobre assuntos que são do interesse comum, em relação aos quais se considera importante que tenham um testemunho ou uma prática comum. O sistema de conferência Metodista, que é entendido como um sistema conexional, pode ser visto como uma forma de conciliaridade. Mas o termo “conciliaridade”, na sua utilização mais completa, pode colocar tanto a “conferência” como o “conexionalismo” num rumo promissor, caso o exploremos em maior profundidade. Pode ajudar a reforçar esses valores relacionados de interdependência, mutualidade, consulta e partilha de poder, bem como ajudar-nos a compreender melhor como é que poderemos incorporar esses valores na nossa política. Um modelo conciliar poderá ser um guia profícuo para o nosso futuro enquanto igreja mundial, enriquecendo o nosso atual repertório de conceitos. Ou seja, a conciliaridade tem implicações tanto a nível interno, no que respeita à nossa política e às nossas relações com a Igreja Metodista Unida, como a nível externo, no que toca às nossas relações com outras comunidades Cristãs.

25 Consulte, por exemplo, Valliere, *Conciliarism* (Conciliarismo), 10, 30.

Pode ser particularmente importante realizar esta exploração no momento atual, em que a Igreja Metodista Unida procura orientação em relação à sua própria vida interna, bem como relativamente às suas relações com outras entidades Cristãs. O relatório do Grupo de Trabalho sobre a Natureza Global da Igreja Metodista Unida à Conferência Geral de 2008 manifestou a esperança de que, ao abraçarmos essa natureza global ou (tal como diríamos atualmente) mundial, poderíamos “ser um modelo de uma nova forma de ser igreja no mundo” e “oferecer ao mundo uma melhor versão de unidade e interdependência”.²⁶ E fez esta crítica em relação à estrutura atual da igreja: “Impede as conferências centrais de ser totalmente efetivas no seio da entidade, e permite que a igreja nos Estados Unidos fuja à responsabilidade de lidar com os seus problemas internos.” Mas a esperança e a crítica poderão ser abordadas de forma construtiva, mediante o aprofundamento da promessa de conciliaridade.

A Igreja Metodista Unida reconhece ser uma denominação, tal como o fizeram as entidades que a precederam, praticamente a partir do momento em que se organizaram como igrejas. Os historiadores e os sociólogos que estudam tais matérias partilham normalmente a opinião de que, embora as suas raízes possam remontar ao Protestantismo Inglês e, antes disso, à Reforma Protestante, a denominação como uma “forma de ser igreja” é em grande medida um produto americano, adequado às circunstâncias americanas. Nem todas as igrejas, mesmo nos Estados Unidos, se enquadram devidamente na descrição de uma denominação: os Católicos e os Episcopalianos, que há muito se consideram parte de uma comunhão e de uma estrutura mundial, sentem dificuldades para fazer corresponder a sua experiência e autoentendimento a esse modelo, embora possam admitir que, por motivos práticos num determinado contexto nacional ou regional, se tenham de integrar parcialmente nesse enquadramento; muitos Batistas nutrem sérias reservas em relação à ideia, pois acreditam que a congregação é a verdadeira igreja; e ao

26 “Worldwide Ministry through The United Methodist Church: A Report of the Task Group on the Global Nature of the Church” (Ministério mundial através da Igreja Metodista Unida: um relatório do grupo de trabalho sobre a natureza global da igreja), *Daily Christian Advocate, Advance Edition* (2008): 945. Ao ler pela primeira vez, pensei que “versão” era provavelmente um erro tipográfico, e que a palavra pretendida era “visão”. Mas talvez o significado pretendido fosse efetivamente “uma melhor versão de unidade e interdependência”, ou seja, melhor do que a(s) versão(ões) oferecida(s) por esquemas que visam a globalização económica.

mesmo tempo, um número apreciável de mega igrejas, missões independentes, movimentos não denominacionais e outros tipos de entidades Cristãs rejeitam o modelo. Por vezes, esses movimentos *tornam-se* denominações de facto, ainda que não em termos de autoentendimento, uma vez que as suas necessidades de estabilidade, organização, liderança autorizada, e assim por diante, chegam a um determinado ponto em contextos civis onde a “denominação” é a forma esperada de organização religiosa.

No seu melhor, as denominações são formas de dar ao movimento Cristão a estrutura e os recursos que necessita para prosperar. Existe um reconhecimento crescente, embora ainda seja alvo de contestação, de que a “denominação” pode ser uma categoria útil na eclesiologia. Pode desempenhar um papel adequado no nosso entendimento teológico da igreja – ou, pelo menos, um papel que não podemos ignorar em segurança – como uma forma “intermediária” de igreja. Um estudante da forma escreveu que “as denominações existem para mediar entre duas realidades: a igreja universal e a congregação local. As denominações têm razão de existir apenas quando servem como um meio para outra coisa... É idolatria que as denominações proclamem ser um fim, quer essa proclamação se faça por palavras ou ações.”²⁷ Ainda assim, saber se a denominação é a melhor categoria conceptual para perspetivar o nosso futuro específico continua a ser uma questão em aberto.

Uma questão que ultimamente tem sido alvo de algum debate é se, ou em que medida, a denominação é uma forma institucional funcional num contexto mundial. O ónus da prova parece recair nas pessoas que gostariam de dar uma resposta afirmativa. Conforme mencionado, os Anglicanos e os Católicos, que se consideram membros de comunhões mundiais, não aplicariam o termo a si mesmos, pelo menos nesse contexto, se é que o fariam de todo. As igrejas Ortodoxas tão pouco o fariam. As tradições Luterana, Reformista e de igrejas livre Protestantes, embora estejam, regra geral, organizadas como denominações ou algo semelhantes em muitos contextos nacionais ou regionais, não são

27 Barry Ensign-George, “Denomination as Ecclesiological Category: Sketching an Assessment” (Denominação como categoria eclesiológica: traçando uma avaliação) em *Denomination: Assessing an Ecclesiological Category* (Denominação: avaliação de uma categoria eclesiológica), ed. Paul M. Collins e Barry Ensign-George (Londres: T. & T. Clark International, 2011), 6.

denominações mundiais. Ao invés disso, temos a Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos, a Igreja Evangélica na Alemanha (que é composta por cerca de 20 entidades regionais), a Igreja Luterana na Libéria, e assim por diante. A Federação Luterana Mundial e a Comunhão Mundial de Igrejas Reformistas estão a envidar esforços no sentido de alcançar não uma unidade orgânica, como uma instituição, mas sim algo como a irmandade conciliar. E efetivamente – conforme indicaria a lista de “sinais tangíveis da nova vida da comunhão” de Michael Kinnamon – algo semelhante à irmandade conciliar veio a substituir o antigo ideal de união orgânica como o objetivo do movimento ecumênico em geral, à medida que as igrejas refletiram em conjunto sobre “a natureza da unidade que procuramos”.

Se analisarmos os últimos 40 anos, ou mais, de esforços da Igreja Metodista Unida e das suas antecessoras para encontrar uma estrutura mais consentânea com o facto de esta “denominação” residir em muitos países, espalhados por vários continentes, e com condições sociais, culturais, políticas e económicas extremamente diferentes, podemos questionar em que medida estes esforços repetidos foram malsucedidos porque assumiram, e até mesmo insistiram, num modelo denominacional para a “igreja mundial”.²⁸ Efetivamente, posso perguntar na minha relativa ignorância (se não total inocência) em que medida os resultados foram determinados pelos efeitos do denominacionalismo – ou seja, do tipo de idolatria no qual a denominação se torna no fim, e não no meio. Esta é, tal como digo, uma questão suscitada na ignorância. No entanto, posso perguntar, de forma mais construtiva, em que medida outros modelos que não o da denominação foram considerados seriamente nestas deliberações. Em que medida se refletiu sobre o quão profunda teria de ser a reformulação do modelo denominacional para que este pudesse funcionar? As denominações enfrentam problemas, nas suas formas e funções tradicionais, em muitos lugares do mundo e por muitos motivos. Talvez precisemos de algo bastante diferente para o

28 Para uma visão geral até 1998, consulte R. Lawrence Turnipseed, “A Brief History of the Discussion of The United Methodist Church as a ‘World Church’” (Uma história resumida do debate sobre a Igreja Metodista Unida como uma “igreja mundial”) em *The Ecumenical Implications of the Discussions of “The Global Nature of The United Methodist Church”* (As implicações ecuménicas dos debates sobre “A natureza global Igreja Metodista Unida”) ed. Bruce Robbins (Nova Iorque: Comissão Geral de Unidade Cristã e Assuntos Inter-religiosos, 1999), 12–34. Um relato e uma análise semelhantes em relação às últimas duas décadas poderão ser instrutivos.

nosso futuro. E pode ser que tenhamos recursos ainda por explorar nas nossas tradições Metodistas Unidas e na tradição Cristã mais ampla para dar resposta a esta necessidade.

Nos últimos anos, a Igreja Católica Romana tem-se vindo a descrever como uma “comunidade de comunidades”. Neste espírito, um grupo de teólogos Luteranos e Católicos, que se reúne há vários anos para trabalhar sobre as questões que separam as igrejas, propôs pensar na igreja universal como uma comunidade ou comunhão de igrejas (*communio ecclesiarum, Gemeinschaft der Kirchen*).²⁹ Há alguns anos atrás, um destacado teólogo Ortodoxo comentou que “antes de compreendermos o lugar e a função do conselho na igreja, devemos... ver a própria Igreja como um conselho”.³⁰ Perante tais imagens, o Conselho Mundial de Igrejas comentou há alguns anos atrás: “Tal como a própria igreja é uma ‘assembleia’ e aparece como uma assembleia tanto na oração como em muitas outras expressões da sua vida, também precisa de assembleias representativas a nível local, e a todos os outros níveis possíveis, para responder às perguntas com que se depara.”³¹ Cada uma destas formas de falar sobre uma unidade na diversidade, ou diversidade na unidade, não centralizada tem uma ressonância particular e transmite valores particulares; talvez o mais simples, para os nossos fins, seria simplesmente perspetivar a igreja como uma comunidade de comunidades.

Nos últimos anos, fomos instados repetidamente a “repensar a igreja” e a encontrar “uma nova forma de ser igreja”. Fazê-lo no nosso momento atual implica ir para além de um autoentendimento denominacional centrado nos EUA, bem como ir para além de algumas das tentações do denominacionalismo que possam surgir associadas a uma identidade nacional ou cultural, avançando no

29 Grupo de Farfa Sabina, *Communion of Churches and Petrine Ministry: Lutheran-Catholic Convergences* (Comunhão das igrejas e ministério petrino: convergências entre as igrejas Luterana-Católica, trad. Paul Misner (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2014).

30 Alexander Schmemmann, “Towards a Theology of Councils” (Rumo a uma teologia de conselhos), *Church, World, Mission: Reflections on Orthodoxy in the West* (Igreja, mundo, missão: reflexões sobre a ortodoxia no Ocidente) (Crestwood, Nova Iorque: St. Vladimir’s Seminary Press, 1979), 163.

31 *Councils and the Ecumenical Movement* (Os conselhos e o movimento ecuménico), World Council of Churches Studies 5 (Estudos do Conselho Mundial de Igrejas 5) (Genebra: Conselho Mundial de Igrejas, 1968), 10.

sentido de uma maior catolicidade – uma catolicidade *ad intra* bem como *ad extra*, por assim dizer. Por seu turno, isto requer que nos apeguemos a algumas das principais perspectivas dos antepassados Puritanos ingleses mencionados anteriormente: que nós – qualquer “nós” específico – não somos toda a igreja, que algumas das nossas convicções podem estar erradas, e que temos de ouvir atentamente aqueles de quem divergimos, para podermos ouvir o que Deus nos possa dizer através deles.

A questão para a Igreja Metodista Unida, nesta conjuntura, é um paralelo local da questão que fomenta o debate ecuménico: Como é que poderemos encontrar e concretizar uma forma adequadamente diversificada de comunidade Cristã – que possa ser um modelo e uma inspiração para uma comunidade *humana* adequadamente diversificada?

Ted Campbell, num discurso proferido perante o Conselho Metodista Mundial em Setembro de 2016, afirmou que a questão que se coloca atualmente aos Metodistas Unidos poderá não ser se nos dividiremos – ele sugeriu que a divisão é bastante provável, se não inevitável – mas sim “se nos podemos dividir bem, ou tão bem quanto possível. Existem formas de as entidades da igreja Metodista se dividirem que minimizem as distrações para a missão, que tão frequentemente acompanham as divisões? Que permitam mais facilmente unidades no futuro? Que talvez venham a criar novas unidades, até mesmo nos pontos de divisão? Podemos dividir-nos de formas que, de alguma maneira, nos mantenham responsáveis perante os nossos parceiros Wesleyanos e ecuménicos?”³² Aprecio a sua forma de colocar a questão. Também aprecio a sua afirmação, num ponto anterior do discurso, de que se o que enfrentamos é uma separação em dois grupos, teremos bastantes dificuldades para nos enquadrarmos em qualquer um deles. Concordo plenamente com ele. Os Metodistas Unidos não são realmente passíveis de divisão em dois grupos. (James Thurber afirmou: “É possível dividir as pessoas em dois grupos. Existem aquelas que

32 Ted A. Campbell, “One Faith: Address to World Methodist Conference, September 1, 2016” (Uma fé: discurso perante a Conferência Metodista Mundial a 1 de setembro de 2016), não publicado. Agradeço ao Professor Campbell por me ter facultado uma cópia do seu discurso.

dividem pessoas em dois grupos, e aquelas que não o fazem”. Eu pertencço ao segundo grupo.³³⁾ Por isso, a pergunta que faço é: Será que podemos, pela graça de Deus, encontrar uma maneira de permitir uma diversificação adequada que não envolva a divisão, e que, com o passar do tempo, permita uma concretização mais plena e seja testemunho de uma unidade genuína?

Conforme mencionado anteriormente, existem alturas em que nós, os seres humanos, não estamos de todo interessados em procurar ou promover a compreensão mútua. Por vezes, faremos tudo ao nosso alcance para a evitar ou impedir. Temos ao dispor um leque de instrumentos eficazes para esse fim, sendo o medo um dos mais acessíveis e potentes. Por exemplo, quando descobrimos que alguém nos está a tentar amedrontar, é conveniente tentar descobrir porque é que está a fazê-lo e o que tem a ganhar com o nosso medo. Frequentemente, aquilo que essa pessoa tem a ganhar – ou pelo menos, aquilo que espera ganhar – é algum tipo de poder ou controlo. O nosso medo pode fazer com que paremos de fazer alguma coisa – algo que as pessoas que semeiam o medo não querem que seja feito. Ou então pode fazer com que nos tornemos desconfiados em relação a outra pessoa, ou que adotemos uma postura defensiva, ao invés de aberta, nas nossas relações com os outros – e tudo isso poderá presumivelmente ser vantajoso para outra pessoa. A utilização de “questões de clivagem” e estratégias de polarização nas igrejas e nas nossas comunidades civis tornaram-se por demais frequentes, e cabe-nos ver o que estas realmente são e resistir: recusando dividir as pessoas em dois grupos e insistindo em encontrar maneiras de fazer com que os nossos conflitos sirvam a nossa missão.

Existem quatro conceitos eclesiológicos que nos poderão ser úteis a este nível, ainda que meramente a título de exemplo do tipo de imaginação que poderemos necessitar. Um é a *subsidiariedade*; outro é a *diversidade reconciliada*; o terceiro é o *consenso diferenciado*; e o quarto é a *recepção*.

33 Consulte Charles M. Wood, “The Primacy of Scripture” (A primazia das escrituras) *Love That Rejoices in the Truth: Theological Explorations* (O amor que rejubila com a verdade: explorações teológicas) (Eugene, OR: Cascade Books, 2009), 35–42.

À partida, a subsidiariedade talvez seja o mais fácil de utilizar. Na sua aceção habitual, trata-se do princípio de que as decisões devem ser tomadas e as políticas devem ser adotadas ao nível mais baixo possível. A utilização da palavra “níveis” pode ser infeliz, para parece estar incorporada no próprio termo. Em vez de dizer “no nível mais baixo possível” poderíamos dizer “no contexto menos geral, ou mais específico, que seja permissível”. Talvez precisemos de um termos que evoque não a imagem de hierarquias, mas sim de círculos mais pequenos dentro de círculos maiores, quer estejamos a pensar em termos geográficos ou noutra enquadramento relevante. Dito de outro modo: “Este princípio consiste em não retirar às pessoas as tarefas que elas conseguem realizar sozinhas e em evitar a transferência para autoridades superiores de funções que as autoridades mais diretamente envolvidas podem normalmente assumir.”³⁴ Tenho entendido que uma versão deste princípio está a ser aplicada nos esforços atuais para elaborar um “Livro Geral da Disciplina” que lide com as coisas que são essenciais para a manutenção e pujança da nossa unidade como Metodistas Unido elaborem a legislação e as disposições em termos de política que sejam mais adequadas às suas próprias circunstâncias, quando não for necessária uma uniformidade geral. Se tudo correr bem, o princípio pode ser transportado para unidades mais pequenas, incluindo o contexto da congregação local ou do ministério. Provavelmente será melhor, em regra, começar por trabalhar os aspetos específicos e depois passar para o nível geral, pois fazer as coisas ao contrário transmite frequentemente a sensação de que existe uma norma geral (inevitavelmente criada a partir de um determinado contexto específico) que poderá, se necessário, ser relutantemente adaptada às circunstâncias locais.

Uma vantagem da subsidiariedade, como um aspeto de um futuro conciliar, é: por norma, as pessoas acham muito mais fácil trabalhar no sentido na compreensão mútua quando esse esforço não envolve uma luta interna em torno dos recursos e do poder. Tal como comentou certa vez Upton Sinclair, é difícil fazer com que uma pessoa compreenda algo, quando o seu salário depende de não o

34 Le Groupe des Dombes, “*One Teacher*”: *Doctrinal Authority in the Church* (Um mestre: autoridade doutrinária na igreja), trad. Catherine E. Clifford (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2010), 148–49.

compreender. Poderá não ser apenas o salário a estar em causa; podemos estar a falar de autoridade, prestígio, honra, privilégio, autoimagem – em qualquer caso, quanto mais amplo for o contexto em que algo está a ser discutido, mais estará em causa. Quando o âmbito é reduzido, ou quando conseguimos diminuir as tensões e qualificar o resultado de uma resolução de algumas formas importantes, isto poderá permitir às pessoas relaxar um pouco, podendo também abrir caminho a um resultado mais satisfatório no longo prazo.

O segundo conceito, diversidade reconciliada, de certo modo, a subsidiariedade depois do facto consumado. O termo é utilizado explicitamente pela Comunidade de Igrejas Protestantes na Europa para designar a forma como as igrejas com formas de ordenamento que historicamente estão em conflito – diferentes estruturas de ministério ordenado e de supervisão, por exemplo – podem reconhecer a legitimidade da ordem de cada uma, embora não se sujeitem a essa outra ordem.³⁵ O princípio aplica-se também, em alguma medida, à diversidade em questões de doutrina oficial e de normas doutrinárias. Funciona, pelo menos tacitamente, em muitos outros cenários que não o Europeu, onde foi invocado explicitamente. Mais recentemente, recebeu um novo impulso graças à sua utilização pelo Papa Francisco, na sua exortação apostólica de 2013 *Evangelii Gaudium* e em ocasiões posteriores. Nessa exortação, o Papa Francisco enfatizou que a unidade na diversidade reconciliada é obra do Espírito Santo. Surge não porque tenhamos decidido ultrapassar as nossas divisões, mas sim porque Deus não permite que as nossas divisões tenham a última palavra.

Em relação a algumas das nossas diferenças, por exemplo, em questões éticas, o termo *diversidade reconciliada* poderá soar demasiado definitivo, como se como se estivéssemos simplesmente dispostos a “estar de acordo em discordar”, deixando de explorar as questões sobre as quais temos

35 O resumo e a avaliação crítica de David Carter, o estudioso Metodista britânico, são informativos: “Unity in Reconciled Diversity: Cop-out or Rainbow Church?” (Unidade na diversidade reconciliada: escapatória ou igreja arco-íris?) *Theology* (Teologia) 113, n.º 876 (novembro de 2010): 411–20. Consulte também “The Unity of the Church: Gift and Calling” (A unidade da igreja: dádiva e chamamento), a Declaração de Canberra do Conselho Mundial de Igrejas (1991), em <https://www.oikoumene.org/en/resources/documents/commissions/faith-and-order/i-unity-the-church-and-its-mission/the-unity-of-the-church-gift-and-calling-the-canberra-statement>.

opiniões divergentes. A “diversidade reconciliada” não deve ser aplicada apressadamente em tais casos. Em relação a estas questões, talvez as pessoas envolvidas precisem de esclarecer que não são as nossas *diferenças* que são reconciliadas, mas sim *nós* que somos reconciliados (por Deus) *apesar* das nossas diferenças, e que esperamos ser conduzidos a uma compreensão e a uma vida mais completas em conjunto, à medida que continuamos a nossa viagem.

O consenso diferenciado é um termo criado há alguns anos atrás por Harding Meyer, diretor de longa data do Instituto de Investigação Ecuménica em Estrasburgo, e cuja utilização rapidamente se generalizou. Descreve a forma como igrejas com ensinamentos aparentemente em conflito em relação a um determinado ponto podem, através de um processo de debate e partilha, chegar a um entendimento de que estes ensinamentos não estão verdadeiramente em conflito. Fazem isto ao revelar as “intenções fundamentais” ou preocupações originais subjacentes a afirmações doutrinárias aparentemente opostas, e ao descobrir que estas – e as doutrinas resultantes, devidamente aplicadas – são compatíveis. Algumas divergências aparentemente espinhosas entre Católicos e Protestantes em relação a questões como a ordenação, os sacramentos e a doutrina da justificação pela fé foram transformadas por esta experiência, à medida que as partes entenderam o que deu origem à diferença. Em tais casos, cada parte pode manter a sua doutrina (e não recusar a mesma, nem adotar a da outra parte), sendo isso entendido como estando a afirmar algo que a outra parte não precisa de negar.³⁶ Quando este princípio é aplicado não só a doutrinas e práticas decorrentes de diferentes contextos históricos, mas também às que dizem respeito a diferentes contextos *socioculturais*, poderá ter maior relevância para algumas das nossas dificuldades atuais.

O nosso quarto conceito eclesiológico, a *recepção*, recebeu bastante atenção em trabalhos ecuménicos recentes, mas diz respeito a um fenómeno tão antigo como a igreja Cristã. Está estreitamente

36 Tendo usado o termo em círculos ecuménicos desde por volta de 1980, Meyer forneceu a sua própria definição do seu significado num influente ensaio sobre “Ecumenical Consensus” (Consenso ecuménico) *Gregorianum* 77, n.º 2 (1996): 213–25. Partilhou mais reflexões sobre o seu desenvolvimento e significado em “Der Prägung einer Formel: Ursprung und Intention”, em *Einheit—aber wie? Zur Tragfähigkeit der ökumenischen Formel vom “differenzierten Konsens,”* ed. Harald Wagner (Friburgo: Herder, 2000), 36–58.

associado com o tema da conciliaridade. Resumidamente, refere-se à forma como as decisões tomadas num conselho – um sínodo, uma assembleia ou uma reunião de líderes Cristãos representativos – apenas obtêm a sua validade real quando são recebidas, interpretadas e colocadas em prática em toda a igreja. Referindo-se à autoridade dos primeiros conselhos ecuménicos (por exemplo, de Niceia e de Calcedónia), um grupo de estudo ecuménico altamente conceituado comenta:

Assim, a autoridade de um conselho não funciona automaticamente. Deve ser cumprido um determinado número de condições antes de uma reunião conciliar ser considerada legítima e competente. Entre estas condições, o fenómeno da *recepção* é essencial. Um conselho nunca pode ser considerado separado do processo de recepção a que dá origem, ou seja, o facto de um grupo completo de comunidades eclesiais, juntamente com os seus bispos, reconhecer os seus ensinamentos como uma expressão da fé apostólica.³⁷

A importância da recepção é de tal ordem que – conforme a história do movimento Cristão deixa claro – um conselho regional relativamente pequeno pode chegar a ser visto como um conselho ecuménico se os seus ensinamentos vierem a ser amplamente aceites, ao passo que “a decisão de um conselho ecuménico pode cair no esquecimento”.³⁸ O processo de recepção pode demorar décadas, ou ainda mais tempo; de certo modo, trata-se de um processo contínuo e que nunca é concluído, no âmbito do qual a igreja está continuamente a receber, a compreender e a transmitir o testemunho apostólico.³⁹

Conquistas ecuménicas recentes, tais como os textos do Conselho Mundial de Igrejas *Batismo, Eucaristia e Ministério* (1983) e *A igreja: rumo a uma visão comum* (2014), e a *Declaração conjunta sobre a doutrina da justificação* (1999) das igrejas Luterana-Católica Romana evidenciam a importância deste processo contínuo de recepção num contexto ecuménico. Aqui, sublinha o princípio do consenso diferenciado. Mas consideremos por um momento a sua possível relevância para as nossas divergências atuais sobre os ensinamentos doutrinários e éticos no seio da Igreja Metodista Unida. O que pensar do facto de algumas das decisões em relação a tais pontos, tomadas por Conferências gerais sucessivas –

37 Le Groupe des Dombes, “One Teacher” (Um mestre), 14.

38 Ibid., 112.

39 O conceito recebe um tratamento excelente e fácil de ler em William G. Rusch, *Ecumenical Reception: Its Challenge and Opportunity* (Recepção ecuménica: o seu desafio e oportunidade) (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2007).

com diferentes graus de maioria – aparentemente não terem sido “recebidas”, pelo menos não de forma positiva, por uma parte significativa dos nossos membros e clérigos, conferências anuais e bispos? O conceito de receção, e a atual reflexão ecuménica sobre o mesmo, tem qualquer influência nesta situação? Em caso afirmativo, oferece alguma orientação sobre qual será a melhor forma de procedermos para encontrarmos um caminho a seguir?

Estas são apenas algumas das perspetivas e provocações que podemos retirar dos nossos esforços ecuménicos, e da visão renovada da igreja que é desenvolvida, ainda que provisoriamente, em *Admiração, Amor e Louvor*. Espero que o período de estudo, reflexão e resposta que se aproxima leve a um maior entendimento e a uma concretização mais plena da nossa vocação comum enquanto Cristãos.

Anexo B

Ajudas para Líderes de Grupos

Na qualidade de líder de grupo, o seu papel é facilitar as sessões e ouvir os membros do grupo.

- Ore ao começar a preparação. Ore por cada membro do grupo, indicando o respetivo nome.
- Leia a sessão correspondente no livro antes da sessão de grupo. Antes da sessão, tome nota de quaisquer referências às escrituras ou a versículos da Bíblia que pareçam adequados para o debate. Estude as escrituras e consulte mais do que uma tradução da Bíblia se isso for útil para si. O que é que lhe diz mais, a título pessoal? O que é que acha que Deus lhe está a tentar comunicar?
- Selecione antecipadamente perguntas específicas que pretenda abordar no debate. Não se sinta obrigado a responder a todas as perguntas. Escolha as perguntas mais adequadas para o seu grupo.
- Seja a primeira pessoa a chegar à sessão. Chegue, pelo menos, cinco minutos antes da hora marcada, para poder dar as boas-vindas às pessoas, à medida que vão chegando. Pratique a hospitalidade graciosa.
- Cumprimente cada pessoa, dizendo o seu nome, quando esta chegar. Isto é muito importante.

- Certifique-se de que o seu espaço de reunião é confortável e propício para a conversa em grupo.
- Para uma melhor partilha, disponha as cadeiras em círculo. Dirigir o grupo numa posição à frente do mesmo mata o debate, porque envia a mensagem errada.
- Comece e termine a horas. Isto mostra que honra os compromissos e respeita o tempo das outras pessoas.
- Certifique-se de apresentar os convidados e ajude a fazer com que se sintam bem-vindos.
- Se houver outros assuntos a tratar, seja breve.
- Ao enumerar preocupações relativas à oração, não se envolva em mexericos nem se deixe distrair. Quer gerar confiança junto do grupo e os mexericos serão prejudiciais a esse nível. Também poderá ser útil ter folhas de papel grandes, ou um quadro preto ou branco, para anotar pedidos relativos à oração ou perguntas à medida que forem surgindo na conversa em grupo.
- Crie um clima de abertura; incentive as pessoas a participar de formas com as quais se sintam à vontade. Seja entusiástico. **Lembre-se que é você que dá o mote para a turma.**
- Algumas pessoas não se sentem à vontade ao falar, por isso, pontualmente permita que

escrevam as suas respostas. Se ao início ninguém responder, não tenha medo de um pouco de silêncio. Conte até 10 mentalmente; depois, diga algo como: “Alguém gostaria de ser o primeiro a falar?” Se ninguém responder, apresente você uma resposta. **Prepare as suas respostas antecipadamente.** Mas não fale demasiado. A sua resposta destina-se apenas a apresentar um modelo de como responder, e não a dominar o debate. Depois, peça comentários e outras respostas.

- Seja um modelo de abertura ao partilhar com o grupo. Os membros do grupo seguirão o seu exemplo. Se partilhar apenas a um nível superficial, todas as outras pessoas farão o mesmo. Se quiser que haja um debate mais rico, tem de partilhar a um nível mais profundo.
- No entanto, esteja ciente de que é natural que a conversa comece a um nível superficial e depois se vá aprofundando à medida que a sessão avança. Estas sessões foram concebidas para começarem a nível superficial e depois irem ficando mais profundas.
- Puxe pelos participantes, mas sem lhes pedir para partilhar aquilo que não estão dispostos a partilhar. Faça contacto visual com alguém e diga algo do género: “Será que mais alguém quer falar?”
- Incentive a que haja várias respostas antes de avançar. Se quiser que haja mais diálogo em torno de uma resposta, pergunte algo do género: “Será que isto já aconteceu a mais alguém?”
- Se estiver em dificuldades para obter respostas do grupo, considere dar a sua resposta

primeiro e depois simplesmente perguntar a uma pessoa de cada vez, avançando pelo círculo. Isto diminui a ansiedade das pessoas que se possam sentir pouco à vontade. Mas indique que não há problema se não quiserem responder.

- Evite perguntar “Porquê?” ou “Porque é que acha isso?” Ao invés disso, considere pedir ou dar um exemplo para ilustrar o ponto.
- Reaja às respostas com comentários como “Excelente”, “Obrigado” ou “Gosto disso”, especialmente se for a primeira vez que alguém falou durante a sessão de grupo.
- Conduza o diálogo de modo a evitar que se torne numa discussão. Se sentir que os ânimos estão a ficar exaltados, diga alguma coisa do género: “Parece que este assunto mexe muito convosco.”
- Dê a todos a oportunidade de falar, mas faça com que o diálogo continue a avançar. Atue como moderador para evitar que algumas pessoas monopolizem a conversa. Tenha em atenção que algumas pessoas não irão falar a menos que lhes peça para o fazer, ao passo que outras falarão constantemente, se as deixar.
- Monitorize os seus próprios contributos. Se for a pessoa que está a falar mais, fale menos.
- Lembre-se de que não precisa de ter todas as respostas. A sua função é manter o debate em aberto e incentivar a participação. Se houver perguntas que exijam uma investigação mais aprofundada, escreva-as e encontre uma resposta ou peça a alguém para encontrar uma resposta mais tarde, ou para consultar uma pessoa entendida no assunto após a

sessão.

- Considere envolver os membros do grupo em vários aspetos da sessão de grupo, como por exemplo, peça voluntários para ler as escrituras, ler a oração de encerramento ou dizer a sua própria oração, e assim por diante.
- Antes de cada sessão de grupo, ore a Deus para lhe pedir a sua presença, orientação e poder; ore ao longo de todo o estudo. Ore semanalmente ou diariamente pelos membros do grupo, identificando-os pelo nome, e por aquilo que Deus poderá fazer nas suas vidas. Mais do que qualquer outra coisa, a oração irá incentivá-lo e capacitá-lo enquanto lidera o grupo.
- Se deseja realmente que o seu pequeno grupo seja bem-sucedido, certifique-se de que contacta todas as pessoas que faltam às sessões.
- Não se esqueça de que, para algumas pessoas, trabalhar num projeto de serviço com o grupo ou organizar um evento para o grupo é tão significativo para o seu crescimento espiritual como o debate em grupo.
- Qualquer grupo precisa de um líder dedicado para que as coisas corram bem. Obrigado pelo seu empenho. Bênçãos para o seu ministério.